

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

ANO V setembro/outubro/2025

#36

AVALIE NOSSO PROJETO



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



"PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ,
COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL."



Pensamento Livre



**Lei
Paulo
Gustavo**

Juntos para a cultura resistir

A **Revista D-ARTE**, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressões artísticas, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a arte e a Cultura brasileira. Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes; podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições. Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista, que apenas cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:

<https://revistadarte.com/>

Expediente:

Editor Chefe - Wilson Inacio

Jornalista responsável: Aldo Moraes

Marketing e Relações Públicas: Ronilson Rony

Projeto Gráfico e Diagramação: Wilson Inacio

Estagiário Design Gráfico: Caio Felipe de Souza

Estagiária de Biblioteconomia: Giullia Vieira de Proença Lopes

ISBN - 978-65-999129-0-0

Nossas Redes:

<https://www.instagram.com/dartelondrina/>

<https://www.facebook.com/>





A importância de honrar a história e a luta por igualdade

O Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, é um momento crucial para refletir sobre a herança africana no Brasil e sobre a luta contínua contra o racismo estrutural que marca nossa sociedade.

A data homenageia Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo dos Palmares e símbolo de resistência à escravidão. Mas vai além de relembrar o passado; é um convite à ação para enfrentar os desafios atuais e construir um futuro mais justo. Em 2024, pela primeira vez, o Dia da Consciência Negra foi oficialmente feriado nacional, um marco que reforça sua importância na agenda social e política do país.

O Brasil é o país com a maior população negra fora do continente africano, e essa influência é profundamente enraizada em nossa identidade cultural. Desde a música, como o samba e o axé, até a culinária, com pratos como a feijoada e o acarajé, a cultura negra moldou o que significa ser brasileiro. Essa presença também se manifesta na religião, com tradições como o Candomblé e a Umbanda, e na linguagem, com expressões que remontam a línguas africanas.

Porém, essa riqueza cultural veio acompanhada de um doloroso legado de exploração. Durante mais de três séculos, milhões de africanos foram trazidos ao Brasil como escravizados, contribuindo com sua força de trabalho para o desenvolvimento econômico do país, mas sofrendo violações desumanas. Mesmo após a abolição da escravatura em 1888, a população negra enfrentou – e continua enfrentando – exclusão social, econômica e política.

A criação do Dia da Consciência Negra tem como objetivo trazer à tona a memória histórica e destacar as contribuições do povo negro, enquanto denuncia o racismo que ainda persiste. O racismo estrutural se reflete em desigualdades em diversas áreas, como educação, saúde e acesso ao mercado de trabalho. Além disso, os dados de violência são alarmantes: jovens negros têm uma probabilidade muito maior de serem vítimas de homicídios ou de abordagens policiais violentas.

Os chamados “erros” policiais que resultam em mortes de pessoas negras, frequentemente retratados como tragédias isoladas, revelam uma realidade sistêmica que desvaloriza vidas negras. Essa violência é a continuidade de um processo histórico que desumaniza a população negra e perpetua a desigualdade racial. A luta por igualdade racial no Brasil não terminou com o

fim da escravidão; ela se reinventa diariamente. Movimentos negros, ONGs e lideranças sociais desempenham um papel fundamental ao denunciar o racismo, exigir políticas públicas inclusivas e promover o empoderamento da comunidade negra. Essas iniciativas incluem desde projetos educativos até campanhas contra o genocídio da população negra.

A educação é uma ferramenta essencial nessa batalha. Ensinar a verdadeira história da população negra no Brasil e valorizar sua contribuição são passos importantes para desconstruir estigmas e preconceitos. As escolas precisam ser espaços que promovam a reflexão sobre o racismo e incentivem o respeito à diversidade.

Celebrar a Consciência Negra não é apenas olhar para o passado, mas se comprometer com o presente e o futuro. É reconhecer que a história da população negra é também a história do Brasil, e que a luta por direitos iguais beneficia toda a sociedade.

20 de novembro: feriado nacional

Nesse 20 de novembro e em todos os dias do ano, é essencial refletir sobre como podemos contribuir para um país mais inclusivo. Apenas ao enfrentarmos nossas próprias barreiras internas e ao exigirmos mudanças concretas nas estruturas sociais, conseguiremos honrar verdadeiramente o legado de Zumbi e de tantos outros que lutaram – e ainda lutam – por liberdade e igualdade.

A transformação do Dia da Consciência Negra em feriado nacional, sancionada pela Lei nº 14.519/2023, representa um reconhecimento oficial da importância da data para a sociedade brasileira. Antes disso, o 20 de novembro era feriado em alguns estados e municípios, mas agora ganha abrangência nacional. Essa decisão fortalece o compromisso com a valorização da cultura negra e a luta por justiça social.

Ao tornar o dia um feriado, o Brasil dá um passo significativo para garantir que as discussões sobre igualdade racial e os desafios enfrentados pela população negra tenham ainda mais visibilidade. Mais do que um dia de descanso, o 20 de novembro deve ser um dia de conscientização e ação coletiva, honrando a memória de Zumbi e de todos os que contribuíram para a construção do país.

Por Vitoria Carvalho, estagiária sob supervisão de Romênia Mariani





Setor cultural representa **3,55%** das vagas de emprego e **3,39%** do PIB mundial, mostra relatório

Estudo da Unesco traz uma série de dados relativos a investimento público em cultura e proteção social aos artistas

Ilustração: Katarina Scervino/Nonada Jornalismo



Por : Anna Ortega

organizações da sociedade civil internacional.

A Unesco lançou nesta segunda (29) a publicação “O ODS Ausente: Relatório Global da Unesco sobre Políticas Culturais”, um estudo que levanta dados sobre a contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável. O momento aconteceu durante a programação do Mondiacult 2025, Conferência Mundial sobre Políticas Culturais e Desenvolvimento Sustentável. O evento, promovido pela Unesco e pelo Governo da Espanha, tem como foco o papel da cultura no desenvolvimento econômico, e conta com a participação de líderes, gestores, ativistas culturais e

A publicação histórica é inédita ao abranger todas as regiões e domínios culturais, oferecendo a análise global mais abrangente das políticas culturais já realizada e fornecendo uma base de evidências para orientar novas agendas relacionadas ao tema. O Relatório Global baseia-se em 1.200 relatórios nacionais e locais e 200 estudos de caso apresentados entre 2019 e 2024. Ele destaca as principais tendências regionais e globais, enfatiza a importância da cultura para o desenvolvimento sustentável, a paz e a segurança, e defende um objetivo independente para a

cultura na agenda global pós-2030. O livro está disponível online em Inglês, Espanhol e Francês. O Nonada traduziu para o português trechos de destaque da publicação.

Entre os principais dados apontados, está o impacto econômico que as indústrias culturais e criativas têm no mundo. Segundo o relatório, os trabalhos do setor criativo correspondem a 3,39% do PIB global e 3,55% do emprego total. Já o turismo cultural em 250 cidades, de todos os continentes, gerou 741,3 bilhões de dólares em 2023.

A desigualdade histórica de investimento à cultura, porém, segue uma marca presente. Apesar desses avanços persistem as grandes disparidades em relação ao sul global. O gasto público com cultura é, em média, de US\$ 418,56 per capita na Europa e América do Norte — quase treze vezes mais do que no restante do mundo combinado. Na América Latina, a média de investimento anual é de US\$ 10 per capita.

Segundo a Unesco, “os resultados ressaltam a necessidade urgente de políticas inclusivas e baseadas em evidências que enfrentam as desigualdades enquanto aproveitam a inovação tecnológica. Ao reduzir lacunas em investimento, equidade de gênero e acesso digital, a cultura pode se tornar uma poderosa força para a diversidade, a criatividade e a resiliência nos próximos anos.”

Entre os dados reunidos, o relatório mostrou o

crescente papel da cultura em seus planos nacionais de desenvolvimento. Atualmente, 93% dos Estados-Membros incluem a cultura como elemento central em seus planos nacionais de desenvolvimento sustentável — um aumento significativo em relação aos 88% em 2021.

A falta de investimento é particularmente acentuada na Ásia Central e Meridional e na África Subsaariana, onde esse valor chega a apenas US\$ 3,09 e US\$ 1,10 per capita, respectivamente. A disparidade é gritante em relação aos países europeus, que investe anualmente em média US\$ 418 per capita em cultura. Para a diretora geral da Unesco, Audrey Azoulay, os dados indicam que “sem uma abordagem multilateral e baseada em evidências, é difícil desenvolver modelos de financiamento claros e convincentes para a cultura.”

O setor cultural global é repleto de desigualdades. Enquanto as mulheres representam 38% da força de trabalho cultural global, elas recebem apenas 20% do financiamento público para a cultura e ocupam menos de 30% dos cargos de liderança em organizações culturais. Esse desequilíbrio é agravado pela persistente disparidade salarial de gênero nos setores culturais e criativos. Outra informação relevante é a de investimento específico voltado ao acesso à cultura para grupos minoritários.

A Unesco aponta que, ainda que haja uma lacuna nestas informações, eles conseguiram mensurar que 19%



Foto: Andrea Rego Barros/Iphan

das medidas públicas dos países visam o engajamento de jovens, 15% minorias culturais e 14% artistas com deficiência, enquanto povos indígenas (8%) e refugiados/migrantes (10%) recebem apoio notavelmente menor.

O relatório também destaca a necessidade de adaptação às transformações tecnológicas em curso. Por exemplo, o mercado de conteúdo audiovisual gerado por IA, avaliado em € 6 bilhões em 2023, deve disparar para € 48 bilhões até 2028. Os especialistas alertam para a necessidade de pesquisa e avaliação dos riscos associados ao desenvolvimento tecnológico, desde a perda de receita para os artistas e produtores culturais, até as preocupações com propriedade intelectual e o potencial de homogeneização cultural.

Fazer cultura no Sul Global traz desafios próprios

Em regiões com infraestrutura cultural mais consolidada, segundo critérios da Unesco, como partes da Europa Ocidental e América do Norte, as discussões políticas se concentraram na adaptação dos sistemas para enfrentar questões emergentes — que vão da governança ética da inteligência artificial à resiliência climática e à desinformação. Preocupações com remuneração justa para profissionais da cultura, disparidade salarial de gênero e estruturas de governança inclusivas também se destacaram.

Por outro lado, regiões que enfrentam instabilidade geopolítica ou infraestrutura desigual — como Europa Oriental, África e partes da Ásia-Pacífico — enfatizaram a necessidade urgente de proteger direitos e patrimônios culturais, especialmente em tempos de crise ou deslocamento. Embora a digitalização esteja ampliando o acesso à cultura, persistem disparidades significativas em infraestrutura, financiamento e alfabetização digital, especialmente para comunidades rurais, minorias e povos indígenas. Nessas regiões, há forte foco em aprimorar a preparação para emergências, apoiar artistas deslocados e promover reconciliação e coesão cultural.

Temas como justiça cultural, equidade social, igualdade de gênero e empoderamento de povos indígenas e comunidades afrodescendentes foram particularmente destacados na América Latina e no Caribe. O setor cultural é visto como um recurso fundamental para reduzir desigualdades e fortalecer ecossistemas comunitários, embora desafios como informalidade, subfinanciamento e exclusão digital persistam.

Da mesma forma, os Estados Árabes e partes da região da Ásia-Pacífico enfatizaram a importância de integrar a cultura em estratégias mais amplas de desenvolvimento, incluindo educação, adaptação climática e políticas migratórias. Reformas legislativas, investimentos em educação cultural e sistemas mais robustos de dados culturais foram identificados como essenciais para construir ecossistemas mais inclusivos e resilientes.

Apesar do reconhecimento da economia criativa como motor de transformação econômica, há limitações observadas, como baixo investimento público, informalidade e infraestrutura frágil. Segundo o relatório, essas barreiras

configuram um risco para o desenvolvimento cultural justo e equitativo. O documento também alerta para o risco de que se coloque mais ênfase no crescimento econômico do que no valor social e intrínseco da cultura, comprometendo seu pleno reconhecimento como bem público global.

“Essas perspectivas destacam uma necessidade geral de políticas culturais que sejam ao mesmo tempo sensíveis ao contexto e alinhadas globalmente. Em todas as regiões, há forte convergência em torno da demanda por governança inclusiva, maior mobilidade para artistas, sistemas de dados confiáveis e desagregados (incluindo dados desagregados por gênero) e uma integração intersetorial mais sólida da cultura em áreas como educação, desenvolvimento econômico, ação climática e transformação digital”, aponta o estudo.

Outra diferença observada foi a proteção aos biomas e patrimônios naturais. Dados apresentados pelos Estados-Membros mostraram que 95% dos países da África Subsaariana implementaram políticas de proteção para esses direitos, em comparação com 74% na Europa e na América do Norte.

Artistas como trabalhadores com direitos

Os capítulos do relatório abordam temáticas importantes para o setor nas últimas décadas, entre elas os impactos da pandemia de Covid-19 no panorama cultural, o impacto da crise climática no patrimônio cultural, a salvaguarda e repatriação de objetos tradicionais e originários e a diversidade linguística como direito. O reconhecimento dos artistas como trabalhadores é um ponto de destaque.

Segundo a Unesco, os direitos dos artistas estão amparados em cinco dimensões: reconhecimento jurídico e regulatório do status dos artistas, direitos socioeconômicos, oportunidades de desenvolvimento profissional e mobilidade, e proteção da liberdade artística. Com relação a salário mínimo garantido para os trabalhadores do setor, por exemplo, 60% dos países têm leis aplicáveis, ainda que na prática, essa aplicação seja escassa, já que as ONGs entrevistadas pelo estudo revelam outra realidade: apenas 22% confirmaram a existência de um salário mínimo para a cultura em seus respectivos países.

A informalidade do setor também foi mensurada a publicação. “Com base em dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), estima-se que entre 40% e 60% dos trabalhadores da indústria cultural e criativa no Sul Global sejam autônomos, em comparação com 30% e 50% na Europa. ausência de vínculos formais de trabalho expõe os artistas à vulnerabilidade econômica e agrava a precariedade de seu trabalho”, diz a Unesco. Ainda com relação à proteção trabalhista, 76% do norte global promovem programas de proteção social aos artistas, em comparação aos 25% de países do sul global.

O direito à liberdade artística foi evidenciado pelo relatório como um direito que deve ser protegido. No seu relatório anual sobre o Estado da Liberdade Artística, publicado desde 2019, a ONG Freemuse monitora casos de artistas que são sancionados, presos ou até mesmo assassinados. Em 2021, por exemplo, mais de 1.200 violações da liberdade

artística foram documentadas, incluindo o assassinato de 39 artistas. Em relação a medidas que garantam a liberdade artística, 87% dos países da Europa e da América do Norte aplicam medidas, enquanto 50% dos países da Ásia Central responderam realizar ações para este fim. Na América Latina, o índice é de 92%.



Foto: lphan/reprodução

Segundo a Unesco, artistas mulheres frequentemente enfrentam riscos maiores do que os homens no que diz respeito à liberdade artística. Um relatório da Freemuse de 2018, *Creativity Wronged: How Women's Right to Artistic Freedom is Denied and Marginalized*, documentou mais de 90 casos de violações contra artistas mulheres em todo o mundo. O relatório destacou padrões recorrentes de desigualdade, exclusão e assédio enfrentados por artistas mulheres, ressaltando a necessidade de proteções mais robustas.

O capítulo também destaca o papel de Organizações do Terceiro Setor na garantia e proteção da liberdade artística. Na Ásia, a organização apoiou a organização da sociedade civil indonésia Koalisi Seni (Coalizão das Artes), que criou um sistema de monitoramento da liberdade artística em 2023. Na Europa, Malta aprovou, em 2023, a Lei de Fortalecimento da Liberdade de Expressão Artística. Em 2024, publicou uma Carta sobre o Estatuto do Artista, que reforçou ainda mais a liberdade artística. Na África, a Iniciativa de Liberdade Artística Ikirenga, lançada em Ruanda em 2024 em colaboração com a Unesco, visa promover um ambiente favorável à liberdade artística.

Mudanças climáticas em foco

O relatório considerou que a atuação conjunta de ministérios é fundamental para a ação climática no setor cultural. Os Estados-Membros relataram esforços crescentes para integrar a cultura nas políticas climáticas, particularmente na proteção do patrimônio cultural contra ameaças relacionadas ao clima. Para isso, uma série de ações têm sido tomadas com intuito de preservação de alguns aspectos dos bens culturais em meio a emergências, como a documentação digital e arquivos de ativos culturais, em caso de perda do original.

A formulação de políticas interministeriais para a proteção do patrimônio está se tornando cada vez mais sofisticada. Os Estados-Membros relatam colaboração ativa entre autoridades de patrimônio cultural e outros departamentos governamentais. Os ministérios do meio ambiente desempenham um papel crucial na integração da conservação do patrimônio com o planejamento de resiliência climática; os departamentos de educação incorporam a conscientização sobre o patrimônio nos currículos nacionais; e os ministérios de turismo desenvolveram estruturas que equilibram a acessibilidade dos locais com as necessidades de preservação, embora desafios persistam na gestão dos impactos dos visitantes.

Exemplos bem-sucedidos incluem sistemas de gestão integrados, nos quais os departamentos de planejamento urbano incorporam considerações de patrimônio, histórico e arqueológico nas regulamentações de desenvolvimento, e os ministérios de transporte ajustam projetos de infraestrutura para proteger paisagens culturais.

Cultura como um Objetivo do Desenvolvimento Sustentável
O papel central da cultura para o desenvolvimento sustentável ficou em primeiro plano nos textos das autoridades e agentes que analisam a publicação. Segundo Azoulay, “a cultura não é um setor periférico a ser apoiado, mas uma força central a ser mobilizada — e o movimento está crescendo em todo o mundo.” Dividido em seis capítulos, o relatório de 389 páginas apresenta reflexões sobre diversidade cultural, preservação do patrimônio e liberdade artísticas, a partir de figuras de destaque, como a artista e intelectual brasileira Daiara Tukano. Embora a proposta seja de um panorama global, o relatório mostrou as especificidades de cada território em relação às políticas culturais.

A partir de consultas com Estados-Membros, sociedade civil, artistas, jovens e outras partes interessadas em um amplo diálogo sobre o papel na evolução das políticas culturais, foi possível perceber que há temas comuns que ressoam em todas as regiões — como a demanda por transformação digital inclusiva, igualdade de gênero, ação climática por meio da cultura e maior investimento na economia criativa. Só que cada região apresentou prioridades e desafios distintos, moldados por seus contextos sociais, políticos, econômicos e ambientais específicos, afirma o relatório.

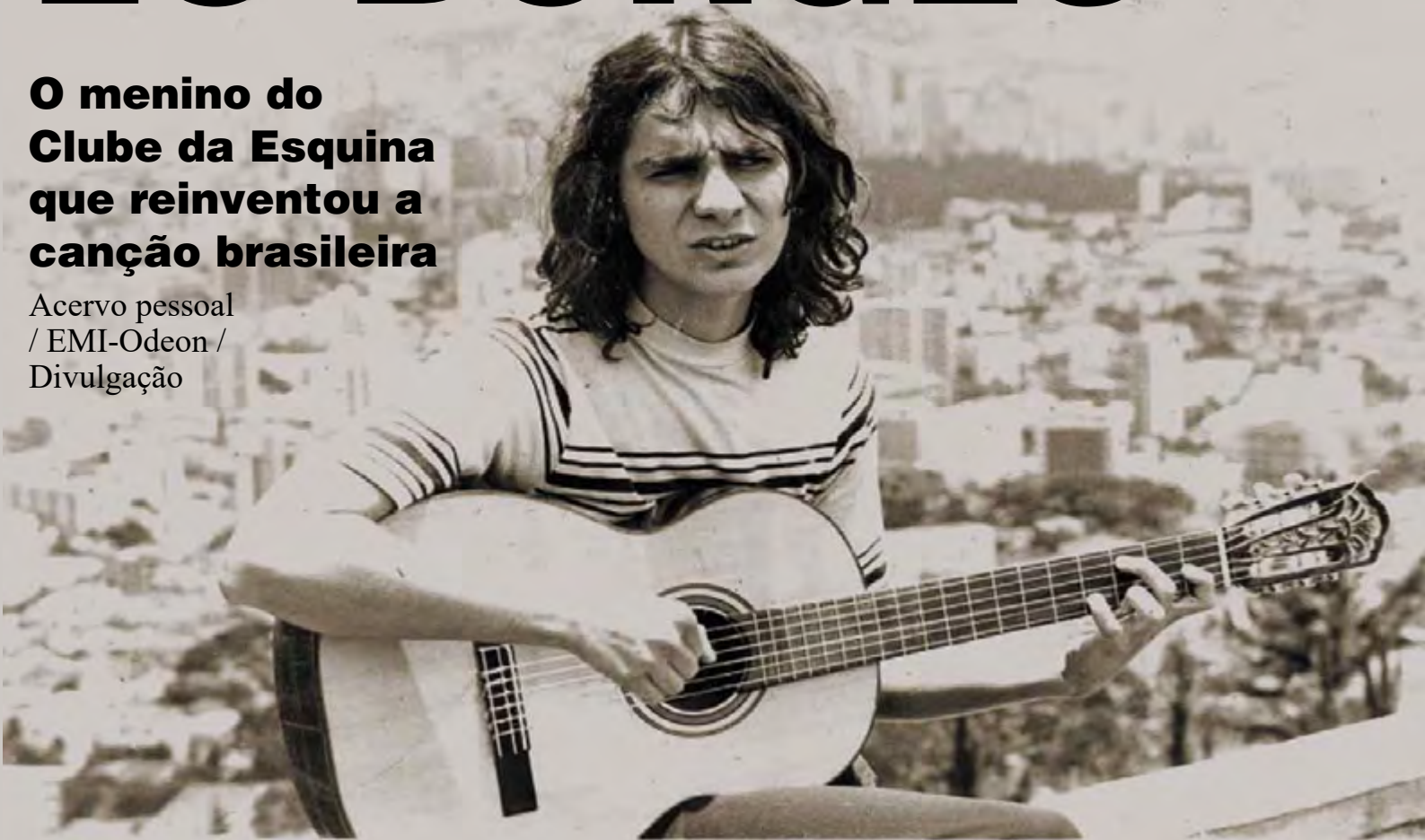
Anna Ortega

Coordenadora de jornalismo do Nonada, é também artista visual. Tem especial interesse na escuta e escrita de processos artísticos, da cultura popular e da defesa dos direitos humanos.

LÔ BORGES

O menino do Clube da Esquina que reinventou a canção brasileira

Acervo pessoal
/ EMI-Odeon /
Divulgação



O menino das esquinas que levou Minas ao mundo.

Entre guitarras, violões e sonhos mineiros, Lô Borges criou uma das obras mais originais da MPB. Do “Clube da Esquina” ao mítico “Disco do Tênis”, sua trajetória é a de um artista que fez da liberdade sua maior melodia

As esquinas de Belo Horizonte

Nascido em Belo Horizonte, em 10 de janeiro de 1952, Salomão Borges Filho, o Lô Borges, cresceu cercado pela música e pelo clima bucólico da capital mineira. Ainda adolescente, juntou-se a um grupo de amigos que se reunia para tocar e compor no bairro de Santa Tereza — um encontro que mudaria a história da música brasileira.

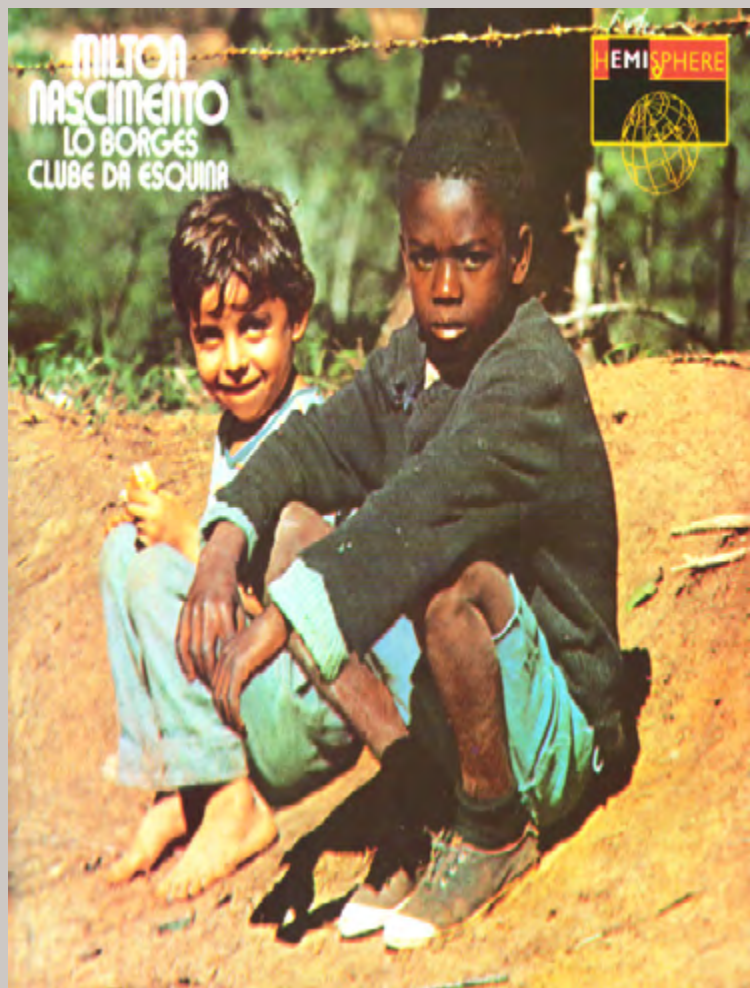
Entre eles estavam Milton Nascimento, Beto Guedes, Fernando Brant, Márcio Borges (seu irmão e letrista) e Tavito. Desses encontros nas esquinas, nasceu o Clube da Esquina, um movimento que fundiu o lirismo mineiro à ousadia harmônica do jazz, do rock e da música latino-americana.



“A gente queria apenas fazer música juntos. Sem querer, inventamos um jeito novo de dizer o Brasil.” — Lô Borges

O álbum “Clube da Esquina” (1972): o nascimento de um mito

Aos 19 anos, Lô Borges dividiu com Milton Nascimento o disco “Clube da Esquina”, lançado em 1972 pela EMI-Odeon — um dos álbuns mais importantes da MPB. Canções como “Tudo que você podia ser”, “Cais”, “Cravo e Canela” e “O Trem Azul” sintetizam o espírito libertário do grupo: poesia, invenção e emoção. Mais que um álbum, “Clube da Esquina” foi um manifesto de liberdade estética e política. O disco abriu as janelas de Minas e deixou entrar o mundo.



Capa original do disco “Clube da Esquina”, 1972 – ícone da nova música brasileira.

O “Disco do Tênis”: liberdade em vinil

Ainda em 1972, Lô gravou seu primeiro álbum solo — “Lô Borges”, conhecido como o “Disco do Tênis” por sua capa icônica com um par de tênis surrados. Gravado em poucas semanas, o disco é uma explosão de criatividade juvenil e improvisado.

Canções como “Você fica melhor assim”, “Aos Barões” e “Como o Machadinho” revelam uma sonoridade crua, livre e intensamente emocional.

Ignorado na época, o álbum se tornou cultuado com o passar das décadas. Artistas como John Frusciante (Red Hot Chili Peppers) e Alex Turner (Arctic Monkeys) o apontam como influência direta.



O Tênis Viajante

A capa do disco foi fotografada com um tênis de verdade de Lô. O calçado se tornou símbolo de liberdade e juventude criativa mineira.

Silêncio e maturidade

Depois do furacão dos anos 1970, Lô se recolheu. Voltou à cena em 1980 com “A Via-Láctea”, um disco de maturidade e lirismo, seguido de “Nuvem Cigana” (1982) e “Sonho Real” (1984). Nos anos 1990, com “Meu Filme” (1996), o artista reafirmou sua coerência e sua busca pela simplicidade sofisticada. A introspecção se tornou parte da sua assinatura.

O legado e a reinvenção

Nos anos 2000, o “Disco do Tênis” foi redescoberto por colecionadores e críticos internacionais, elevando Lô à condição de referência global da música independente. No Brasil, artistas como Samuel Rosa (Skank), Céu, Tulipa Ruiz, Rubel e Marcelo Camelo reverenciam sua influência. Em 2019, Lô lançou “Rio da Lua”, um álbum de melodias serenas e letras luminosas, que reafirma sua vitalidade criativa e a poesia mineira que nunca o abandonou.

O eterno menino das esquinas

Lô Borges é o artista que transformou o anonimato em arte. Suas canções falam de sonho, amizade, amor e liberdade — temas que continuam ecoando entre gerações. O menino que um dia cantou “tudo que você podia ser” ainda segue sendo — e nos lembrando que a beleza mora nas esquinas.



© Bárbara Dutra/Divulgação

Como a tecnologia está redefinindo a arte no Brasil



Foto: Ayana Miro

<https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/como-a-tecnologia-esta-redefinindo-a-arte-no-brasil/>

Arte além da tela – entre tradição e inovação, a produção artística se adapta às novas demandas do mercado e do público

Entre o analógico e o digital, a arte brasileira experimenta um momento de transformação profunda: novas linguagens, novas formas de circulação e até novas maneiras de ser percebida e valorizada. Se antes a obra estava restrita às paredes de galerias, hoje ganha vida nas redes sociais, em exposições on-line e até em marketplaces digitais. O movimento não é apenas tendência, mas necessidade para quem deseja viver da própria criação. A artista visual Ayana Miro, graduanda em Pintura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), observa esse cenário com proximidade. Para ela, a tecnologia surgiu “como uma forma de necessidade de adaptação para as movimentações que vêm acontecendo”. O tema, recorrente nas conversas com colegas, traduz uma inquietação comum a muitos criadores: como sobreviver com a arte em um mundo atravessado pela internet e pelo virtual. “Eu acho um pouco difícil ser artista e não lidar com essa movimentação da internet e do mundo virtual”, afirma. Mas pondera: “A gente tem que se adaptar para conseguir viver com a nossa arte”.



Ayana Miro – Foto: Arquivo pessoal

Essa adaptação, no entanto, não acontece sem dilemas. A pintora encontrou no TikTok um espaço fértil para dialogar com o público e construir uma comunidade interessada em ancestralidade e arte. “Lá eu consegui criar um público até que grande, não tão grande, mas nichado para a área de ancestralidade e arte”, conta. A aproximação direta trouxe benefícios, mas também uma pressão: estar visível significa ceder ao ritmo das plataformas. “Eu não diria que tem uma

liberdade criativa, porque ao mesmo tempo tem uma muita pressão. Se você não se adapta, acaba perdendo alcance, visibilidade e retorno financeiro.” A relação com o público também mudou. Obras em óleo e acrílico, tradicionalmente vistas como distantes, parecem ganhar outra dimensão no contato virtual. Ainda assim, a artista confessa não ver, por ora, espaço para realidade virtual ou inteligência artificial em seu processo criativo. “Eu sempre recorro para métodos mais tradicionais, feitos à mão, com material físico. Por enquanto, não consigo enxergar essa inserção no meu processo.” Do outro lado, a visão do Gilberto dos Santos Prado, artista multimídia e professor do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes de São Paulo (ECA) da USP, reforça a ideia de que essa tensão não é inédita. Ele lembra que transformações semelhantes já ocorreram em outros momentos da história da arte, com a chegada da fotografia, do vídeo ou da performance. “A arte digital faz parte da arte contemporânea como parte de um processo em andamento que traz novos desafios, novas demandas. É importante pensar que movimentos similares aconteceram quando chegou o vídeo, a fotografia, as instalações”, explica.



Gilberto dos Santos Prado – Foto: Arquivo pessoal

Para ele, a força da arte contemporânea está justamente na coexistência. “Nós convivemos em um mundo impactado tanto pelo analógico quanto pelo digital. A arte fala dessa contemporaneidade. Trabalhar nesse mundo não quer dizer negar nenhuma das partes. É esse diálogo, essa fricção entre elementos, que discute a potência da nossa época.” Esse atrito, como ele define, é também o que mantém a arte em movimento. “As placas tectônicas da criação se chocam, criam faíscas, transformam. A arte tem esse elemento extremamente forte, que é a história da própria transformação. Você arrasta uma coisa na outra, cria conflitos, confrontos, faíscas. Isso é o que transforma essa inquietação.”



Se a tecnologia democratiza o acesso também cria barreiras para quem não domina as ferramentas Foto: Ayana Miro

Se para os artistas a tecnologia ampliou o alcance e abriu novas pontes, também trouxe dúvidas sobre originalidade e autenticidade. O mercado, por sua vez, reage de forma desigual. A artista relata que, enquanto NFTs (Tokens Não Fungíveis – um comprovante digital de dono de algo único on-line) e desenhos digitais conquistaram espaço, imagens geradas inteiramente por inteligência artificial enfrentam rejeição. “Eu não acho que o mercado de arte tradicional esteja reagindo tão bem assim, principalmente quando o produto final é uma imagem gerada por IA. Eu acho que tem bastante resistência a respeito disso.”

O professor amplia essa discussão ao lembrar que toda moeda tem mais de um lado. Se a tecnologia democratiza

o acesso também cria barreiras para quem não domina as ferramentas. “Você pode tornar a arte mais acessível, mas também cria distâncias para quem não está acostumado a ler o mundo através desses novos filtros”, diz ele.

No fim, a questão não é escolher entre o analógico ou o digital, mas entender que os dois caminham juntos. Como diz o professor, “um dos grandes desafios dos artistas é perceber e lidar com sua contemporaneidade. As produções são espelhos da sociedade, cruzam ruídos, angústias, experiências e sonhos”.

*Estagiária sob supervisão de Ferraz Jr

Maior parque de esculturas a céu aberto da América do Sul encanta visitantes em Brusque



Obras de nomes como Oscar Niemeyer e Giò Pomodoro atraem turistas e escolas ao espaço cultural.

Por: Gabriel Menezes

<https://ajnoticias.com.br/noticia/45657/maior-parque-de-esculturas-a-ceu-aberto-da-america-do-sul-encanta-visitantes-em-brusque>

Foto: Divulgação/Fundação Cultural de Brusque

Às margens da Rodovia Antônio Heil, em Brusque, no Vale do Itajaí, está um espaço onde a arte e a natureza são unidas, o Parque das Esculturas Ilse Teske. Considerado o maior parque de esculturas a céu aberto da América do Sul, o local reúne 41 obras em mármore, criadas por artistas de diferentes partes do mundo.

Em uma área de 23 mil metros quadrados, os visitantes podem caminhar pelos gramados e conhecer as histórias das obras esculpidas, ou até mesmo se conectar com a natureza e fazer um piquenique ou outras atividades de lazer ao ar livre.

Entre as esculturas, destacam-se trabalhos de nomes como Oscar Niemeyer, arquiteto responsável pelo projeto de Brasília, Amílcar de Castro, expoente das artes plásticas brasileiras, e Giò Pomodoro, um dos maiores escultores italianos. Maior parque de esculturas a céu aberto da América do Sul encanta visitantes em Brusque

nomes como Oscar Niemeyer e Giò Pomodoro atraem turistas e escolas ao espaço cultural.

O parque tem origem no 1º Simpósio Internacional de Esculturas, realizado em 2001, que reuniu artistas renomados em Brusque. Até 2007, mais de 100 obras foram criadas durante os simpósios, sendo 41 delas reunidas no Parque Ilse Teske, inaugurado oficialmente em 2014.

Segundo a Fundação Cultural de Brusque, o parque recebeu 10 mil visitantes em julho e outros 6 mil em agosto. Pelas contas da instituição, cerca de 30% desses 16 mil visitantes, ou seja 4.800, foram motivados especificamente pelas esculturas, enquanto os demais aproveitaram o espaço para atividades de lazer em meio à natureza.

Entre as visitas que acontecem no parque, muitas escolas que utilizam o local tanto para explorar a parte artística quanto para estudos ligados às pedras utilizadas nas obras.

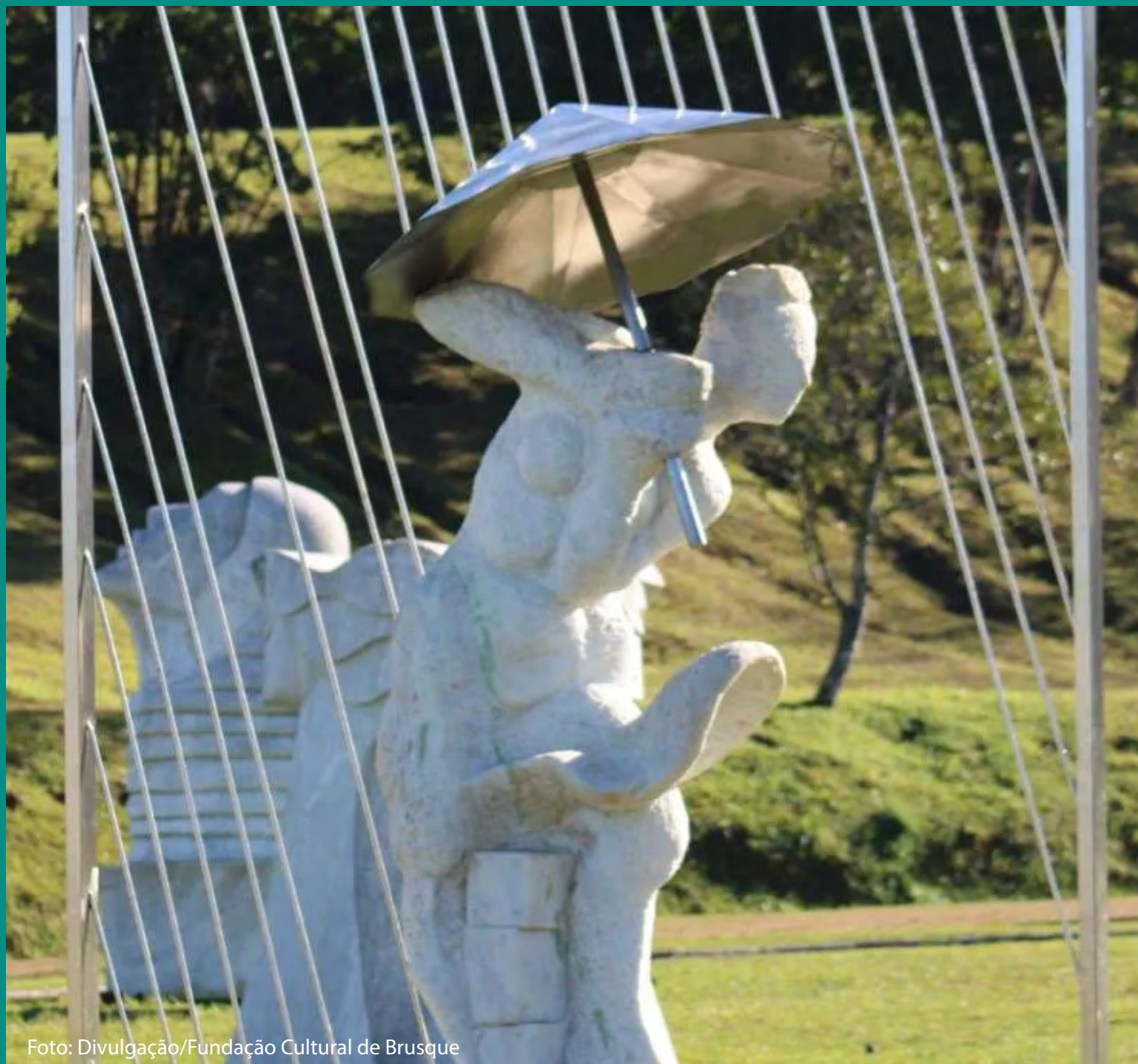


Foto: Divulgação/Fundação Cultural de Brusque

Arte e cultura

Cidades brasileiras: museus e galerias de arte a céu aberto



Teatro do Amazônia: Portal da Cultura do Amazonas | Reprodução

Do grafite gigante às ladeiras coloniais: 20 cidades brasileiras onde as ruas viram galeria, a história ganha cor e a arte encontra você na esquina

Por: Clarissa Sayumi

O Brasil é um país onde arte, cultura e história estão vivas nas ruas. De centros urbanos repletos de grafites a cidades coloniais cujas construções parecem obras de arte, ao viajar pelo país é fácil se deparar com verdadeiros museus a céu aberto.

Reunimos 20 cidades brasileiras que transformam suas ruas, prédios e paisagens em galerias de arte ao ar livre. Cada cidade da lista oferece uma experiência única, seja por meio de grafites e murais urbanos, arquitetura histórica, instalações ao ar livre, festivais de arte ou museus integrados à paisagem.

O famoso Beco do Batman, na Vila Madalena, exibe desenhos de diversos artistas urbanos, já o Viaduto do Minhocão e as colunas da Avenida 23 de Maio abrigam o Museu Aberto de Arte Urbana (MAAU) com mais de 70 painéis de grafite expostos ao público.

Caminhar pela capital paulista é topar a cada esquina com arte. Não é exagero dizer que São Paulo possui milhares de obras espalhadas pela cidade, entre murais, esculturas e projetos arquitetônicos, que formam um acervo integrado à vida urbana.

Isso significa ter acesso livre a obras de artistas renomados, como os painéis dos grafiteiros OsGemeos e Eduardo Kobra, e a espaços culturais como o Parque do Ibirapuera, onde arte e natureza convivem em harmonia.



São Paulo é frequentemente chamada de capital da arte de rua no Brasil. A metrópole está coberta de grafites e murais coloridos, como um museu a céu aberto para quem passeia por suas vias.



A cidade maravilhosa se destaca por murais e intervenções a céu aberto tão famosos quanto suas praias. Imperdível, por exemplo, é visitar a colorida Escadaria Selarón, nos Arcos da Lapa, uma obra de arte feita com mosaicos de azulejos pelo artista chileno Jorge Selarón, que se tornou parada obrigatória para turistas.

Outro símbolo da arte urbana carioca é o gigantesco mural “Etnias”, pintado pelo artista Eduardo Kobra no Boulevard Olímpico, na região portuária. Com cerca de 3.000 m², esse mural multicolorido entrou para o Guinness Book como um dos maiores do mundo. A cena de grafite flui pelas zonas boêmias e comunidades traz cores aos muros da cidade.

Mas não é só de grafite que vive o Rio: sua própria arquitetura e monumentos ao ar livre são obras de arte. O Cristo Redentor no topo do

Corcovado e as curvas futuristas do Museu do Amanhã na Praça Mauá são exemplos de atrações integradas à paisagem que misturam arte, arquitetura e natureza.

Do Parque Lage com esculturas e jardins, à Pedra do Sal com seus murais afro-brasileiros, o Rio se revela um grande museu aberto onde em cada canto, a cidade respira arte e cultura, seja pelas pinturas de rua, seja pelos cenários históricos e naturais que servem de moldura para essa galeria a céu aberto.



Conjunto Moderno da Pampulha. | Foto: Reprodução/ CAU/MG.

Igreja-pampulha

Conjunto Moderno da Pampulha. Nos últimos anos, o centro de BH foi transformado em um museu a céu aberto graças a iniciativas como o festival CURA – Circuito Urbano de Arte, que, desde 2017, já entregou dezenas de murais de grafite em empenas de prédios pela cidade. Hoje, mais de 60 obras de arte urbana estão espalhadas por Belo Horizonte, cobrem fachadas antes cinzentas com cores e criatividade. Uma simples caminhada pelo hipercentro, especialmente na região da Rua Sapucaí (que ganhou até lunetas para observação), permite avistar um verdadeiro acervo de painéis gigantes pintados por artistas locais, nacionais e internacionais.

Entre os murais de destaque estão obras

inspiradas na cultura mineira e em temas sociais contemporâneos, que podem ser apreciadas livremente pelos pedestres.

Além da arte urbana, BH também se destaca pela arquitetura integrada com arte, exemplificada no Conjunto Moderno da Pampulha, projeto de Oscar Niemeyer com jardins de Burle Marx e painéis de Portinari. A Igreja de São Francisco de Assis, na Pampulha, é uma joia da arquitetura modernista e dos azulejos artísticos. No coração da cidade, o Circuito Liberdade reúne museus e centros culturais em belos prédios históricos.



Foto: Roberto Dziura Jr./AEN

Curitiba – PR

No centro da capital paranaense, um percurso de 600 metros entre o Paço Municipal e o Bondinho da Leitura foi revitalizado com murais e revela uma galeria de arte a céu aberto no Calçadão da Rua XV de Novembro. Ali, cinco enormes painéis homenageiam personalidades da cultura local, como a poeta Helena Kolody e a escritora Luci Collin, cujos rostos e versos agora estampam as fachadas de prédios históricos. Já o Parque Passaúna tem esculturas ao ar livre

integradas à natureza. A arquitetura também é protagonista, o Museu Oscar Niemeyer, com seu design de “Olho” futurista, é por si só uma obra de arte que chama atenção na paisagem urbana.

Sem esquecer o lado histórico, Curitiba preserva construções como o Paço da Liberdade e casas antigas no Largo da Ordem. Seja pelas intervenções modernas ou pelo casario preservado, a cidade convida todos a percorrer suas ruas com um novo olhar, afinal, basta uma caminhada atenta para revelar uma galeria de arte a céu aberto em pleno Centro de Curitiba.



Palácio da Alvorada. Foto: Divulgação.

Brasília é uma cidade única: planejada como obra de arte, ela própria funciona como um museu de arquitetura moderna a céu aberto. A capital federal, concebida pelo urbanista Lúcio Costa e pelo arquiteto Oscar Niemeyer, reúne um conjunto de palácios, monumentos e edifícios futuristas que impressionam visitantes do mundo inteiro.

Ao percorrer o Eixo Monumental, o viajante se depara com as formas curvas da Catedral Metropolitana, as colunas desenhadas do Palácio da Alvorada, a silhueta do Congresso Nacional e tantos outros ícones, todos projetados por Niemeyer, que imprimiu neles sua visão artística. Nos detalhes, a capital ostenta também a arte integrada de outros mestres, como os painéis de azulejos de Athos Bulcão, presentes em diversas construções (do exterior da Igrejinha de Nossa Senhora de Fátima aos interiores de palácios e prédios públicos).

Esculturas monumentais completam esse acervo, com destaque para os Dois Candangos (estátua “Os Guerreiros” de Bruno Giorgi) na Praça dos Três Poderes, e a escultura da Justiça de Alfredo Ceschiatti em frente ao STF, símbolos em bronze que se tornaram parte da identidade visual de Brasília.



Pelourinho em Salvador | Foto: Tripadvisor

Salvador é um mergulho vivo na arte barroca e na cultura afro-brasileira, onde o Centro Histórico do Pelourinho se revela como um verdadeiro museu a céu aberto. Andar pelas ladeiras de paralelepípedos do Pelourinho, tombado como Patrimônio Mundial pela UNESCO, é como voltar aos séculos XVII e XVIII: são mais de 800 casarões coloniais coloridos, igrejas ricamente ornamentadas e praças onde a história se desenrolou.

As fachadas multicoloridas e os sobrados com sacadas de ferro forjado encantam pela uniformidade planejada, em muitas ruas, as

casas têm altura semelhante para não obstruir a vista das igrejas ao final, e compõem um cenário urbano de época cuidadosamente preservado. Salvador foi concebida como um anfiteatro barroco” ao ar livre, e de fato a cidade exibe a riqueza desse estilo artístico em templos como a Igreja e Convento de São Francisco, com interiores revestidos de ouro talhado, e a Catedral Basílica, onde é possível apreciar altares de diferentes fases do barroco. Além da arquitetura histórica, Salvador traz a arte

para o cotidiano de outras formas. No Dique do Tororó, por exemplo, oito esculturas gigantes dos orixás flutuam sobre o lago, uma homenagem às raízes africanas.

As ruas de Salvador também são tomadas por manifestações culturais, do Carnaval do Pelourinho com seus blocos e fantasias, às apresentações de capoeira e dança afro nas praças.



Foto: Divulgação.

Vizinha à capital pernambucana, Olinda é uma joia colonial onde a arte transborda das paredes das casas às tradições nas ruas. Reconhecida como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO desde 1982, Olinda preserva até hoje o charme e a história dos tempos coloniais, com suas ladeiras históricas, igrejas barrocas e casarões coloridos. Caminhar por Olinda é fazer uma viagem no tempo, as construções dos séculos 16 e 17, cuidadosamente restauradas, fazem cada esquina parecer um cenário de época pronto para contar uma história.

A cidade respira arte em cada detalhe, e não apenas dentro dos museus. Ateliês de artistas locais, centros culturais e galerias se espalham pelas ruas de Olinda, com pinturas, esculturas e artesanato que celebram a riquíssima cultura nordestina.

Esse ambiente artístico se mistura à tradição:

todos os anos, no icônico Carnaval de Olinda, as ladeiras se enchem de foliões que acompanham orquestras de frevo e os famosos bonecos gigantes.

Entre as atrações imperdíveis estão o Alto da Sé, com vista panorâmica para Olinda e Recife, o Convento de São Francisco, um dos mais antigos do Brasil, e a Igreja da Sé de Olinda, marco religioso e arquitetônico da cidade.

Ao pôr do sol, as fachadas coloridas de Olinda ganham uma luz especial, que reforça a sensação de que estamos em uma galeria ao ar livre. Olinda mostra que a cidade não é apenas cenário histórico, mas um organismo cultural vivo. Da arte sacra nas igrejas aos artistas de rua vendendo gravuras e esculturas em cada ladeira, tudo converge para que o visitante se sinta dentro de um museu a céu aberto.



Cidade de Ouro Preto. | Foto: Reprodução/ Wikipedia.

Entre as cidades históricas de Minas Gerais, Ouro Preto se destaca como um verdadeiro museu de arte barroca. Fundada no final do século 17, durante o ciclo do ouro, a cidade preservou sua arquitetura colonial de forma exemplar e foi reconhecida como Patrimônio Mundial pela UNESCO.

Percorrer as ruas íngremes e calçadas de pedra de Ouro Preto é vivenciar séculos de história. A cada esquina, casarios bem preservados e igrejas monumentais revelam um pouco mais do passado glorioso do Brasil colonial.

A cidade abriga o maior acervo de igrejas

barrocas do país, testemunhas do talento de artistas como Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho) e Manoel da Costa Ataíde (Mestre Ataíde). Esses mestres deixaram sua marca em obras-primas como a Igreja de São Francisco de Assis, famosa pela portada esculpida e pelo teto pintado por Ataíde, e a Igreja do Carmo, entre muitas outras.

Cada igreja traz sua peculiaridade, altares folheados a ouro, imagens sacras detalhadamente entalhadas e painéis pintados que contam passagens bíblicas, tudo acessível ao público, muitas vezes com guias locais explicando as curiosidades.



Paraty, no litoral sul do Rio de Janeiro, é uma cidade colonial onde arte, história e paisagem natural se encontram em perfeita harmonia. Com seu centro histórico fechado para carros e calçamento “pé-de-moleque” original, Paraty manteve intocado o visual dos séculos 18 e 19.

As casinhas brancas de portas coloridas, preservadas conforme a arquitetura colonial, são cenário de inúmeras galerias de arte, ateliês e lojas de artesanato que floresceram ali graças à vocação artística da cidade. Caminhar pelo centro histórico é como folhear um livro de história ilustrado, com igrejas centenárias, como a da Santa Rita (de 1722) e a de Nossa Senhora do Rosário, dividem espaço com ateliês de artistas locais e centros culturais.

Paraty tornou-se um polo criativo, especialmente após o sucesso da FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty), um festival de literatura que todo ano atrai escritores, artistas e turistas e

acaba trazendo intervenções artísticas, shows e exposições à cidade.

Mesmo fora dos festivais, Paraty mantém programação cultural constante. Há museus como o Museu de Arte Sacra, instalado na Igreja de Santa Rita, cinemas de rua e feiras artesanais que animam suas praças. Muitos artistas visuais e artesãos escolheram Paraty para morar, o que significa que é comum encontrar oficinas abertas e poder acompanhar de perto o trabalho sendo criado ali mesmo.

Além da riqueza cultural urbana, Paraty ainda oferece belas paisagens naturais, cercada por montanhas da Mata Atlântica e banhada pelo mar da Baía de Ilha Grande, a região proporciona trilhas a antigos caminhos do ouro, praias e cachoeiras. Essa combinação de natureza e patrimônio construído valeu a Paraty, junto com a vizinha Ilha Grande, o título de Patrimônio Mundial (Cultura e Biodiversidade).



Centro Histórico de São Luís. | Foto: Reprodução/ Volto Logo.

Conhecida como a “Cidade dos Azulejos”, São Luís do Maranhão tem um centro histórico tão rico que é considerado um museu a céu aberto da arquitetura luso-brasileira.

Ao caminhar pelo bairro Praia Grande e adjacências, o visitante fica cercado por fileiras de casarões coloniais revestidos de azulejos coloridos, muitos importados de Portugal no século 19, que dão um charme todo especial às ruas.

Estima-se que, no centro histórico de São Luís, haja cerca de 3.500 sobrados e casarões tombados pelo IPHAN, dos quais aproximadamente 1.000 integram o Patrimônio Mundial reconhecido pela UNESCO.

Essa vasta coleção de edificações históricas torna o passeio pelo centro uma aula de história e arte. Os azulejos geométricos, florais e monocromáticos que decoram as fachadas não serviam apenas de adorno estético, mas de solução prática para refletir a luz do sol forte e amenizar o calor tropical.

Cada azulejo conta um pedaço da cultura e do cotidiano de épocas passadas, que transformam as ruas em um grande painel de arte e memória. Entre os marcos imperdíveis estão o Palácio dos Leões, antiga fortaleza colonial que hoje é sede do governo, aberta a visitas algumas vezes por semana, a Igreja da Sé, Catedral de São Luís, originalmente dos jesuítas, com elementos que vão do barroco ao neoclássico e ruas como a Rua Portugal, famosa pelos sobrados azulejados com balcões de treliça de madeira. São Luís também se destaca pela vida cultural: em junho, durante o São João, o centro se anima com apresentações do Bumba-Meu-Boi, uma festa popular repleta de dança, música e fantasias artesanais, que por si só já são manifestações artísticas a céu aberto. Além disso, a cidade tem espaços culturais como o Museu Histórico e Artístico e o Centro de Cultura Popular, mas o grande museu mesmo é a própria cidade, com suas sacadas de ferro trabalhado, calçadas de pedra de cantaria e casarões que guardam lendas e histórias. Apesar de alguns desafios na conservação de parte desse acervo (muitos imóveis carecem de restauração), São Luís mantém um charme decadente que conquista visitantes.



Estação Ferroviária de Goiânia: Iphan | Reprodução

A capital de Goiás abriga um dos maiores acervos de arquitetura Art Déco do mundo. Planejada e construída nos anos 1930 para ser a nova capital estadual, Goiânia nasceu no apogeu da estética Art Déco, caracterizada por linhas geométricas, formas simétricas e motivos decorativos estilizados.

O resultado é que, até hoje, o centro da cidade preserva dezenas de edifícios, monumentos e detalhes urbanísticos desse período, o que confere à paisagem urbana uma identidade muito particular. Com 22 edificações tombadas pelo IPHAN e mantidas em sua forma original, Goiânia possui o maior conjunto arquitetônico Art Déco do Brasil e o segundo do mundo, ficando atrás apenas do acervo de Miami, nos EUA.

Uma caminhada pela região central, especialmente pela Praça Cívica e ao longo da Avenida Goiás, permite contemplar joias como o Palácio das Esmeraldas, sede do governo, inaugurado em 1937, com suas linhas retas e fachada verde, o Coreto da Praça Cívica, de 1942, palco de eventos políticos e culturais nos primórdios da capital e a Torre do Relógio, marco vertical que se tornou símbolo da modernidade pretendida nos anos 1930.

Outros destaques incluem o Grande Hotel (1937), o Teatro Goiânia (1942) e a antiga Estação Ferroviária (início dos anos 1950), todos exemplares elegantes do Déco, com seus relevos, colunas e esquadrias características, muitos dos

quais restaurados e adaptados para uso cultural atual.

Goiânia não vive só do passado: ao lado desse patrimônio arquitetônico, a cidade também investe em arte urbana contemporânea. Por exemplo, o Beco da Codorna, no centro, foi transformado em uma galeria de grafite, com mais de 70 murais de artistas goianos.



Marco Zero, principal cartão postal do Recife. (Foto: Sol Pulquério/PCR)

A capital pernambucana, além de belas praias e do frevo contagiante, tem arte em suas ruas, avenidas e praças. Esculturas imponentes, murais coloridos e intervenções urbanas criativas transformam o cenário urbano recifense em uma galeria permanente, acessível a todos.

Um passeio pelo Recife Antigo e pelo centro da cidade revela, desde os gigantescos painéis do projeto Olhar de Peixe, pintados em empenas de prédios por artistas como Josenildo do Vale, até as esculturas abstratas do mestre Francisco

Brennand espalhadas em locais como o Pátio do Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM) e o Parque das Esculturas, instalado em arrecifes em frente ao Marco Zero, onde se destaca a torre de cristal de Brennand.

Cada obra conta uma história. Na Praça da República, por exemplo, está o Monumento ao Frei Caneca e a escultura O Guerreiro de Torel que homenageiam personagens históricos locais. Já na Praça do Marco Zero, além do rosa-dos-ventos em mosaico no chão criado pelo artista Cícero Dias, encontram-se letreiros e obras que simbolizam a cultura recifense.

O Recife também democratiza a arte por meio de projetos comunitários, iniciativas como o

“Arte na Rua” levam esculturas, performances e murais a bairros periféricos, e festivais de graffiti coloreem os muros da cidade.

Para quem quer explorar esse acervo, a Prefeitura oferece até mapa interativo das obras públicas, o que evidencia a importância dada à preservação e divulgação desse patrimônio artístico urbano. Claro, não se pode esquecer que Recife, como cidade histórica, também guarda arquitetura secular: igrejas barrocas, fortes holandeses, o casario colorido da Rua do Bom Jesus, onde fica a primeira sinagoga das Américas, todos compondo o pano de fundo sobre o qual a arte contemporânea se sobrepõe.



Instituto Inhotim | Foto: Divulgação

Em meio às montanhas de Minas Gerais, a cerca de 60 km de Belo Horizonte, encontra-se uma experiência singular de arte integrada à natureza: o Instituto Inhotim, localizado no município de Brumadinho. Embora não seja uma cidade no sentido tradicional, Inhotim é um dos maiores museus de arte contemporânea a céu aberto do mundo, e transformou a região em destino artístico internacional. Ocupando uma área de mais de 140 hectares de jardins botânicos exuberantes, lagos e mata nativa, o instituto abriga dezenas de pavilhões e instalações monumentais de arte espalhados pela paisagem.

A proposta de Inhotim é justamente ser museu integrado à paisagem, onde o passeio pelos caminhos floridos leva a surpresas artísticas a cada passo, seja uma escultura gigante ao ar livre, seja uma galeria envidraçada em meio ao verde com obras de renome. Entre as obras mais famosas estão a “Verdadeira Roupa do Imperador” (um complexo de espelhos d’água) e os penetráveis de Hélio Oiticica, o “Sonic Pavilion” de Doug Aitken (um poço sonoro

que ecoa sons da terra) e “Inmensa” de Cildo Meireles (um imenso caleidoscópio de madeira). O acervo de Inhotim conta com obras de artistas brasileiros e internacionais dos anos 1980 em diante, e o ambiente natural magnificamente planejado pelo paisagista Roberto Burle Marx (e continuado por seu discípulo) é parte essencial da experiência estética.

Visitar Inhotim é caminhar por trilhas onde arte e natureza dialogam: você pode, por exemplo, entrar em uma galeria subterrânea para ver a obra “Desvio para o Vermelho” e ao sair dar de cara com um jardim de palmeiras imperiais e um maciço de flores tropicais.

Além das obras fixas, Inhotim oferece programações temporárias, com performances, visitas guiadas e ações educativas, sempre valorizando a experiência imersiva do visitante. O instituto também cumpre papel botânico, com uma coleção de espécies vegetais raras e programas de conservação ambiental. Dada sua grandiosidade, reserve pelo menos um dia inteiro para explorar o local.

Frédéric Auguste Bartholdi, o homem que construiu a Estátua da Liberdade



Frédéric Auguste Bartholdi; à direita, a cabeça da Estátua da Liberdade em 1883 - Crédito: Getty Images

A Estátua da Liberdade, um dos maiores cartões-postais dos Estados Unidos, foi projetada por artista francês, ainda no século 19

Por Giovanna Gomes

Publicado em 06/09/2025, às 11h00 - Atualizado em 08/09/2025, às 07h13

Frédéric Auguste Bartholdi iniciou os trabalhos da Estátua da Liberdade em 1870, moldando chapas de cobre marteladas manualmente, que seriam sustentadas por uma estrutura metálica projetada por Gustave Eiffel, o famoso engenheiro que ficaria conhecido por construir e dar nome à Torre Eiffel. Ao longo de cinco décadas de carreira, o artista francês produziu dezenas de esculturas notáveis, mas sua obra mais famosa não se encontra em sua terra natal. Ela ergue-se no porto de Nova York como um dos

símbolos mais reconhecidos dos Estados Unidos: a Estátua da Liberdade. Uma grande ideia. A ideia desse monumento nasceu em 1865, quando Édouard René de Laboulaye, colega e amigo de Bartholdi, propôs criar uma estátua como presente ao povo americano. A homenagem marcaria o centenário da independência dos Estados Unidos e celebraria a amizade entre a França e a jovem nação.

O projeto tomou forma em 1870. De acordo com o portal All That's Interesting, a construção começou em 1876, foi concluída em Paris em 1884 e enviada para Nova York no ano seguinte. Ali, sobre um pedestal erguido em uma ilha no porto, a estátua foi montada peça por peça. Em 28 de outubro de 1886, durante a inauguração oficial, Bartholdi declarou emocionado: “Meu sonho foi realizado”. Ainda que a imagem da “Senhora Liberdade” tenha eternizado seu nome, o legado de Bartholdi ultrapassa em muito esse feito. Quando morreu em 1904, suas obras estavam espalhadas por praças e edifícios ao redor do mundo, de sua cidade natal, Colmar, até várias cidades norte-americanas.



Quem foi Bartholdi?

Nascido em 2 de agosto de 1834, em Colmar, Bartholdi perdeu o pai aos dois anos. Sua mãe então se mudou com ele e o irmão mais velho, Jean-Charles, para Paris. Desde cedo interessado em arte, o jovem Frédéric recebeu apoio da família para cultivar sua vocação. No colégio, estudou escultura e arquitetura com mestres reconhecidos, especializando-se também em pintura.

Em 1853, decidiu se dedicar à escultura. Logo naquele ano expôs uma obra no Salão de Paris. Dois anos depois, aos 20, recebeu a encomenda de uma estátua do general napoleônico Jean Rapp. No entanto, foi uma viagem de 1855 ao Egito e ao Iêmen que despertou nele a paixão por obras colossais. Fascinado pelos monumentos da Antiguidade, escreveu: “Esses seres de granito, em sua majestade imperturbável, parecem ainda estar ouvindo a antiguidade mais remota. Seu olhar gentil e impassível parece ignorar o presente e se fixar em um futuro ilimitado”.

Bartholdi retornou ao Egito em 1869 para conhecer o recém-inaugurado Canal de Suez e apresentar um projeto de escultura monumental na entrada da passagem: um farol em forma de figura drapeada segurando uma tocha, chamado “O Egito Levando a Luz à Ásia”. Embora a proposta não tenha avançado, serviu de inspiração para o que viria a ser a Estátua da Liberdade.

Enquanto isso, a ideia de Laboulaye sobre o presente aos Estados Unidos permanecia em aberto. O plano foi adiado pelo início da Guerra Franco-Prussiana, em 1870, conflito que levou Bartholdi a se alistar na Guarda Nacional. Lutou pela defesa de Colmar, mas viu sua região ser derrotada e anexada pela Alemanha. A perda marcou profundamente o artista e inspirou diversas obras posteriores. Outros projetos Nos anos seguintes, Bartholdi dedicou-se a esculturas que exaltavam o heroísmo francês. Sua obra-prima dessa fase é o Leão de Belfort, um colosso em arenito iniciado em 1871 e concluído em 1880, que simboliza a resistência de 17 mil franceses contra 40 mil prussianos durante 103 dias de cerco.

Também homenageou os balonistas que transportaram correspondência e civis para fora de Paris durante o bloqueio inimigo, embora essa escultura tenha sido destruída pelos nazistas na Segunda Guerra. Mesmo absorvido por esses projetos, Bartholdi não abandonou sua visão para a Estátua da Liberdade. Em 1871, viajou aos Estados Unidos para apresentar a ideia e buscar apoio financeiro. Ao chegar ao porto de Nova York, identificou o local perfeito: uma pequena ilha chamada Bedloe, mais tarde rebatizada Ilha da Liberdade. Em carta à mãe, descreveu-a como “o local com o qual sonhava”.

Durante cinco anos, Bartholdi liderou campanhas de arrecadação na França e na América. O comitê francês financiou a estátua, enquanto o comitê americano custeou o pedestal. Em 1876, as obras começaram de fato. Após a morte do arquiteto Eugène Viollet-le-Duc, Gustave Eiffel assumiu o projeto da estrutura metálica interna.

A inauguração

Em 1884, a Estátua da Liberdade ficou pronta em Paris. No ano seguinte, foi transportada em navios e desembarcou em Nova York em 17 de junho de 1885. O pedestal foi finalizado em abril de 1886, permitindo a montagem da figura. Na cerimônia de inauguração, em 28 de outubro de 1886, Bartholdi, presente em Nova York, declarou a realização de sua maior ambição: “Esta obra viverá para a eternidade, quando tivermos morrido, e tudo o que vive

conosco se deteriorar“. Mas sua produção não parou aí. Além da Estátua da Liberdade e das esculturas patrióticas, Bartholdi exibiu trabalhos em Paris, em praças americanas e em exposições internacionais, como a do Centenário da Filadélfia (1876) e a Exposição Mundial da Colômbia (1893). Artista versátil, também se dedicou à fotografia, ao desenho e à pintura, registrando inclusive cenas dos colonos na Califórnia. Em 1886, recebeu a Legião de Honra, a mais alta condecoração francesa. Bartholdi morreu em 4 de outubro de 1904, aos 70 anos, vítima de tuberculose. Sua casa em Colmar, por sua vez, foi transformada no atual Musée Bartholdi, preservando sua memória.

Giovanna Gomes é jornalista e estudante de História pela USP. Gosta de escrever sobre arte, arqueologia e tudo que diz respeito à cultura e à história do ser humano.





Festini BÉ

1º mostra de teatro
independente de
Cambé

De 08 a 16 de
novembro

- | Espetáculos
- | Contação de Histórias
- | Laboratório
- | Performance
- | Workshop

REDES SOCIAIS

@festinbe



Patrocínio:



Realização:



SMEC
Secretaria Municipal
de Educação e Cultura



Prefeitura
de **Cambé**

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



O Pode Chefe? Podcast é focado em ouvir histórias inspiradoras em cada episódio onde Aurélio Pereira e Ronilson Rony recebem convidados que são referências em suas áreas de atuação, explorando suas trajetórias profissionais, seus desafios e suas estratégias para alcançar e transpor os desafios do dia a dia. O podcast aborda diversos temas relacionados a cultura, arte, empreendedorismo e negócios, como liderança, marketing, finanças, inovação, gestão de pessoas e muito mais. Pode Chefe? Podcast está disponível em plataformas de streaming de áudio e vídeo, como Spotify, YouTube, Apple Podcasts e nas redes sociais, e é uma ótima fonte de informação e inspiração para quem deseja empreender ou aprimorar suas habilidades. Permita-se!

www.youtube.com/@podechefe



 **podechefe**
INSCREVA-SE



DISQUE 100 RACISMO

RACISMO É CRIME! DENUNCIE!

AGORA O DISQUE 100 TAMBÉM RECEBE DENÚNCIAS DE RACISMO. SE VOCÊ FOI VÍTIMA OU PRESENCIOU UM CRIME DE RACISMO, DISQUE 100 E DENUNCIE!

LEI Nº 6.496, DE 21 DE MARÇO DE 2019.



HOMOFOBIA É
CRIME!

LEI Nº 7.716/89 - ARTIGO 20



Divulgação/Paulão

Paulo Cesar Troiano, vulgo Paulão Rock n Roll, produtor cultural e apresentador.

Idealizou o projeto Azylo Hotel, com eventos e programas na TV e no rádio. Atualmente o projeto conta com três programas na UEL FM, Zappa N UEL, Azylo XXTREMUS e Blues Hotel.

Radialista/produtor do Programa Azylo Hotel nas rádios: Rádio FM Cidade 102.9(Cambé); Rádio Paiquere FM(Londrina);Rádio Antena 1 (Londrina); Rádio Aquarius Fm (Arapongas); Rádio 104.5 (Cornélio); Rádio Cidade FM(Londrina); Rádio UEL (Londrina); Alma Londrina Rádio Web;

Apresentador dos programas: Azylo Vídeo Hotel na TV Tibagi de Apucarana; Azylo Resort no Canal 20; TV Metrópoles na TV Tibagi;
Autor do Projeto radiofônico e televisivo “Azylo Hotel “ desde 1982/atual;

Produção/Apresentação dos shows de rock no “Dia Mundial do Rock” na Concha Acústica de Londrina, edições: 2013 à 2019;

Autor do Projeto com certificado da Universidade Estadual de Londrina “Papo de Rock” com palestras educativas sobre a

história do Blues nas Escolas Estaduais de Londrina nos anos 2003 à 2005;

Produtor/Apresentador do Projeto “Azylo Hotel Live” gravado no Bar Valentino, transmitido nos canais Azylo Hotel e Rock Pé Vermelho em 2020;

Sábado às 20h
Reprise quarta-feira às 23h

Blues Hotel é um programa focado nas influências do Blues na música rock dos anos 70, o programa tem como objetivo educar e entreter os ouvintes, revelando as conexões entre esses gêneros. A proposta é mostrar que Blues está presente onde menos se espera, enriquecendo a música das bandas favoritas dos ouvintes. Voltado para fãs de rock clássico e curiosos por história musical, “Blues Hotel” estreou em setembro, prometendo uma jornada sonora única e reveladora.

Contato

Rua Fernando de Noronha, 433

Londrina-Paraná

(43)9 8818-2604

projetoazylohotel@gmail.com

<https://www.instagram.com/azylohotel> <https://www.facebook.com/PauloCesarTroiano> Canal Azylo Hotel (YouTube)



Política Nacional Aldir Blanc: formação, democracia e arte! “A esperança equilibrada sabe que o show de todo artista tem que continuar...” Aldir Blanc

Aprovada pelo Congresso como auxílio financeiro para o setor cultural durante a pandemia da covid 19, a lei Aldir Blanc homenageia o compositor e poeta vitimado pelo vírus em maio de 2020.

Sancionada como lei nacional, a recriação do Ministério da Cultura em 2023 deu fôlego para que se efetivasse como política pública de cultura contemplando o setor nos 27 estados e 6.000 municípios. A grandeza da chamada PNAB pode ser verificada nas diversas instâncias legais de democratização de acesso e medidas obrigatórias de acessibilidade.

O ente público estadual ou municipal que recebe os recursos para aplicação na cultura deve possibilitar e facilitar a inscrição de pessoa não alfabetizada, moradores de áreas rurais e comunidades tradicionais como reservas indígenas e áreas de quilombos.

As alternativas de inscrição são variadas: pela internet, de forma presencial e até mesmo prestando depoimento/relato do projeto presencialmente ou por vídeo gravado.

Estamos falando tanto de capitais e grandes centros quanto municípios pequenos que dependem da pesca artesanal e agricultura familiar e cujos gestores nunca haviam executado recursos de cultural por edital, chamamento e de forma descentralizada. Sem dúvida alguma é um processo didático em que todos aprendem.

Observa-se que na maioria dos municípios, os trabalhadores da cultura se deparam pela primeira vez com a necessidade de organização de currículo/ portfólio e a elaboração de um projeto.

Ou seja, a política nacional Aldir Blanc sugere um novo momento: de aprendizado e conhecimento de legislação, organização, gestão e planejamento. Por outro lado, alimentando os vetores que tornam a PNAB uma política de inserção/inclusão, a lei 14.399/2022 defende cotas em editais para pessoa preta, pessoa indígena e pessoa

PCD além de induzir o proponente a indicar e executar medidas de acessibilidade arquitetônica, comunicacional e atitudinal que beneficiam pessoas PCD, com pouca mobilidade, baixa visão e pessoa neuro divergente.

A PNAB inicia este ano o chamado ciclo 2 com planos estaduais e municipais com recursos garantidos até 2029 e a condição do ente público de iniciar um planejamento orgânico e organizar o sistema municipal de cultura com seus fundamentos principais: conselho, plano e fundo de cultura.

Várias regras na legislação elevam o nível das gestões culturais, sobretudo nos municípios que se apressam para o conhecimento e alinhamento com a sociedade civil, que é parte importante no processo.

O que se vê com os produtos resultantes da lei Paulo Gustavo e do primeiro ciclo da Política Nacional Aldir Blanc são oficinas arte-educativas, publicações, filmes, documentários e espetáculos espalhados pelo país e formando uma nova geração de adolescentes e jovens interessados por história, costumes e pela cultura local.

Aldo Moraes



Aldir Blanc: guia sugere ações de acessibilidade em projetos culturais



<https://www.institutotijuipe.org.br/post/aldir-blanc-guia-sugere-acoes-de-acessibilidade-em-projetos-culturais>

Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

Por Márcio Leal

O Ministério da Cultura lançou, no final de outubro, o Guia Prático de Acessibilidade Cultural na Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura. A publicação reúne orientações, exemplos e fundamentos legais para apoiar gestões públicas e agentes culturais na implementação de ações afirmativas e medidas de acessibilidade em projetos.

O documento detalha como garantir o acesso pleno das pessoas com deficiência às atividades culturais, tanto como público quanto como fazedoras de cultura. E apresenta orientações práticas para que editais e projetos financiados com recursos da Aldir Blanc estejam em conformidade com a Lei Brasileira de Inclusão e a Instrução Normativa MinC nº 10/2023.

“O Guia é um material importante pois, além de apenas cumprimento de regras, gera compreensão da importância e da urgência da realização de medidas de acessibilidade cultural e de ações afirmativas para a garantia dos direitos culturais das pessoas com deficiência”, avaliou a coordenadora de Acessibilidade Cultural do Ministério, Aline Zeymer.

Nele, são explicados conceitos de acessibilidade

arquitetônica, comunicacional, digital e atitudinal, além de oferecer exemplos de adaptação em eventos, editais, produções audiovisuais, museus e livros, e reforça a importância da representatividade e do protagonismo das pessoas com deficiência em todas as etapas da cadeia produtiva, na elaboração, execução e avaliação de políticas públicas e em projetos culturais.

Outros temas abordados são a elaboração de editais acessíveis, contratação de intérpretes de Libras, produção de materiais em Braille e com audiodescrição, além de diretrizes para eventos culturais acessíveis, com estrutura física adequada, comunicação acessível e formação de equipes preparadas para o atendimento a pessoas com deficiência.

Valdo Nóbrega, chefe de Divisão de Acessibilidade Cultural do órgão, avalia que o material é essencial para efetivação da acessibilidade. “A participação das pessoas com deficiência contribui e fortalece o reconhecimento dos profissionais com deficiência engajados nas produções e manifestações culturais, empoderando novos agentes culturais com novas perspectivas da pluralidade cultural.”

Baixe o Guia de Acessibilidade da Aldir Blanc

**“Eu dei um beijo na boca da loucura
e as estrelas afiaram a minha língua”**



Edra Moraes

“Eu dei um beijo na boca da loucura e as estrelas afiaram a minha língua”

A Loucura como Espelho Social: Reflexões de uma Residência Artística em Lagos

Prólogo: Vinte anos de gestação

Este projeto nasceu há duas décadas, entre 2000 e 2020, período em que vivi um estranhamento, uma espécie de confusão mental ao tentar racionalizar o comportamento de uma pessoa próxima e um processo de [gaslighting](#).

A solidão da “loucura” ou a perda da paz mental durante esse longo período me fez questionar não apenas minhas faculdades mentais, mas todo o sistema que determina o que é “normal”. A arte se tornou meu único meio de reconexão com o mundo real, minha forma de traduzir o intraduzível. A escrita aliada às instalações foram as ferramentas que escolhi para dar forma ao inferno que estava vivendo enquanto tentava entender e manter laços de afetividade.

Tudo isto depois de perder a capacidade de acreditar nas minhas próprias conclusões; o resultado foi o que a psicologia chama de “dissociação”. Neste artigo vamos falar da minha residência artística em Lagos, Portugal, que teve o projeto “Eu dei um beijo na boca da loucura e as estrelas afiaram a minha língua” como norte, com o objetivo de criação de um livro e uma instalação poética.

O Despertar Português

Quando pisei em solo português pela primeira vez, em julho de 2025, senti uma vertigem familiar, como se reconhecesse algo que havia esquecido. Aquela viagem para a residência artística no LAC, em Lagos, se transformaria numa arqueologia de mim mesma, escavando camadas de identidade.

Vim carregando projetos e expectativas, mas principalmente carregando perguntas que não sabia que tinha. O que descobri foi muito mais do que material para uma exposição, mas um confronto direto com as camadas invisibilizadas da minha identidade e com os mecanismos sociais que historicamente têm usado a “loucura” como categoria de exclusão feminina.

E isto é imenso, sim, é imenso e provocativo. O projeto prevê um livro de poemas e crônicas poéticas, cuja musa é a loucura, além de uma instalação. Às vezes mecanismo de defesa, de coragem ou de desconexão com o que nos afeta, a loucura, diferente do que muitos pensam, pode ser um mecanismo válido. Eu vivi uma espécie de loucura racionalizada, ou apenas tentaram me induzir a acreditar que estava louca? Então escolhi a figura de D. Maria I, “a rainha louca”, como espelho e símbolo: uma mulher poderosa reduzida ao rótulo de sua fragilidade.

O Espelho da História: D. Maria I e o Padrão da Patologização

No Palácio de Queluz, onde morou D. Maria I, a chamada “rainha louca”, caminhei pelos mesmos salões onde ela exerceu poder absoluto, e nos registros históricos encontrei não a louca da narrativa oficial, mas a mulher competente que coordenava tratados, idealizou a Academia de Ciências e Artes e era amada pelo povo. Para a posteridade, porém, ela é apenas “A LOUCA”.

Quantas de nós, mulheres, entramos para a história como “loucas” simplesmente por ousarmos exercer poder de verdade? Reconheci ali um padrão que eu mesma já havia experimentado: ser chamada de “exagerada” tantas vezes que quase acreditei nisso. Durante toda a minha vida, cada posicionamento firme era rotulado como “histeria”, cada discurso apaixonado como “desequilíbrio emocional”. Feminista, autêntica e louca nos anos 80, mas quem não foi taxada de louca não viveu bem os anos 80.

D. Maria foi destituída porque “exagerou nas medidas do luto”. Depois de perder o marido e outros entes queridos, entrou no que chamavam melancolia, nossa conhecida depressão. Estudando sobre o assunto, descobri a síndrome do coração partido, que pode deixar cicatrizes físicas como um enfarto sem que se tenha enfartado, e que atinge mais as mulheres. O “coração partido” de D. Maria não era metáfora: era uma realidade psicossomática.

Por isto, durante a residência, experimentei a cerâmica para dar forma ao coração partido ou maculado de D. Maria I. Minhas mãos moldaram o barro enquanto eu pensava: como materializar uma dor que não tem contorno? Criei uma série de corações cerâmicos rachados, remendados com linha, e o que ficou como o “escolhido” foi o coração com a coroa de arame farpado, um coração maculado.



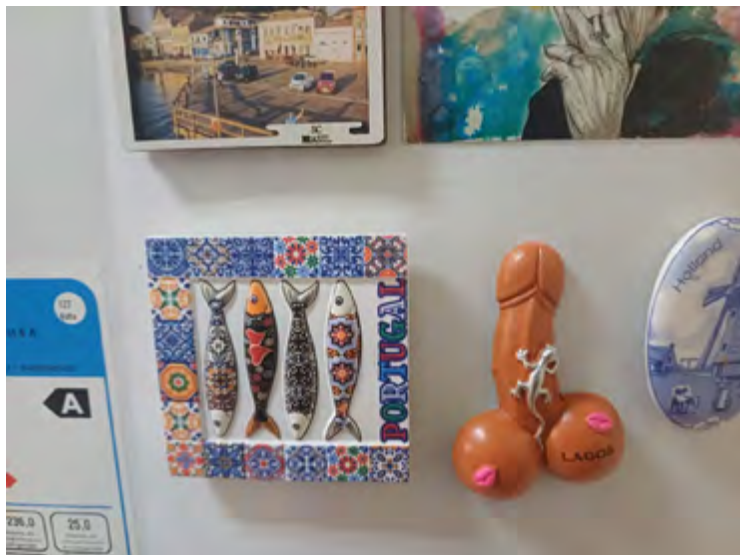
[foto 01: processo criativo]

Ancestralidade e Memórias Transgeracionais

Viver este período em Portugal despertou em mim algo inesperado: reconhecia gestos, formas de falar, azulejos e maçanetas. Era como se meu DNA despertasse de um sono profundo. Lembrei da minha mãe, seus ditados, sua forma às vezes brusca de se comunicar. Descobri que o ditado dela “a língua é o bacalhau do cu” fazia sentido literal ali: bacalhau é um tipo de chicote.

Vim de uma família que falava o “bom palavrão” como forma de catarse. Palavrões eram expressões de espanto, alegria ou desgosto, uma linguagem emocional direta que dispensava eufemismos. Descobri em Portugal que até nisso havia uma ancestralidade: a lenda do “caralho” de Torres Vedras, criado como objeto divertido, evoluindo para formas comestíveis como biscoitos e doces, e os pênis de cerâmica. O que na minha casa era visto com humor, a sociedade brasileira contemporânea transformou em vulgaridade. Pesou a mão: falar um “azar do caralho”, como ouvi em Portugal, faz olhares

de reprovação; imagine o palavrão na boca de uma mulher. Como diria meu pai (sempre rindo), “não tira o caralho da boca”: risos e lágrimas pela incompreensão.



[foto: lembrança de Lagos – azulejos e caralho]

E aqui reside uma armadilha sutil: quando nós, mulheres, falamos palavrões, “mulher que fala assim não é direita”. Até mesmo entre os mais progressistas, persiste esse preconceito disfarçado de preocupação estética.

Esta experiência me conectou com o que a psicologia transgeracional estuda: como traços, segredos e modos de ser se transmitem mesmo sem consciência direta. Minha família nunca celebrou a descendência portuguesa. Era uma herança guardada na gaveta como segredo de família, talvez porque os portugueses chegaram até mim apenas como histórias de um avô “ignorante, grosseiro e fanático religioso”.

Durante minha campanha política, sim fui candidata a vereadora, essa ancestralidade negada já havia sido objeto de questionamento. Quis assumir o SRD (sem raça definida), reconhecendo-me como realmente sou: miscigenada, brasileira, com negro, índio e português correndo nas veias, sem fronteiras étnicas definidas. Sugeriram que isso “pegaria mal” eleitoralmente. Eu apenas queria honrar minha realidade: sem ancestrais no trono, sem passaporte europeu que me garantisse uma segunda chance no Primeiro Mundo, sem tanta lembrança da avó indígena, que talvez ficasse num banho de ervas ou numa cura com chá, nada tão sério. E a ancestralidade negra ainda mais perdida, sem ter conhecido um parente negro sequer, sei da sua existência pela definição que meu pai tirou dos documentos: “pardo”. Seria uma “loucura” em tempos em que todos vasculham baús genealógicos em busca de legitimidade ancestral eu me posicionar assim, sem raça definida, uma vira-lata?

O Corpo Como Campo de Batalha: As Medidas da Opressão

Como ícone principal da D. Maria I, escolhi o corpete e a saia pannier como elementos centrais da instalação “Medidas Impossíveis”. Não foi casual. O corpete é quase um exoesqueleto, uma materialização perfeita da minha hipótese: “a opressão começa nas medidas, uma opressão feita de medidas inviáveis e lacinhos de cetim.”

O processo de criação foi visceral. Tirei as medidas no meu próprio corpo: “Eu sou a medida do meu mundo”. Sejam estas

medidas perfeitas, desejáveis ou não, elas definem os limites da minha existência social. Por que a feminilidade precisa de uma forma específica? Por que precisamos ser ampolhetas, exageros artificiais dos contornos naturais?

Como artista, sou constantemente chamada de “exagerada”. Erro nas medidas, e sei que isso pode ser perigoso para uma mulher. Sentir demais te faz exagerada; não sentir te faz fria. Qual medida realmente agrada aos parâmetros sociais? A resposta é simples e cruel: nenhuma. O jogo é montado para que sempre falhemos.

O Tempo Subjetivo do Sofrimento

A reflexão sobre D. Maria e seu luto “excessivo” me levou a uma pergunta que virou instalação: qual o tempo “ideal” de luto? Três dias (licença-luto empresarial), um ano (tradição judaica), dois anos (luto vitoriano), para sempre (amor romântico).

As empresas concedem três dias, a tradição religiosa sugere um ano, mas qual medida é realmente adequada? O tempo subjetivo do sofrimento não cabe nos prazos sociais.

A Arte Como Elaboração Psíquica

Finalizei minha instalação combinando arame, tecido e cerâmica numa abordagem de trash art. Não foi apenas sobre criar arte, mas sobre confrontar camadas soterradas de identidade, ancestralidade e questões de gênero. A criação cumpriu aqui uma função terapêutica e social: dar forma ao que a cultura tenta silenciar.

Manifesto #SomosTodasLoucas

O poema-manifesto que dá origem à escultura central está no box ao lado.



Loucura ou Potência Criativa?

O que descobri em Lagos foi que aquilo que para a psiquiatria tradicional poderia ser chamado de “exagero” se revela, na verdade, como potência criativa indomável. A função da arte e da psicologia consciente não é patologizar essas experiências, mas ajudar a transformá-las em narrativa integrada e consciente.

Redescobri camadas de mim que estavam invisibilizadas por décadas de adaptação social. Compreendi como nossas ancestralidades europeias foram romantizadas ou negligenciadas pelas narrativas oficiais, dependendo da conveniência política de cada época. Me impactou profundamente o discurso de ódio dos nossos antigos colonizadores em relação aos imigrantes brasileiros contemporâneos, uma ironia histórica cruel. Tempos difíceis e a loucura das massas parecem caminhar juntas, em um casamento perverso entre medo e opressão.

A patologização da intensidade feminina não é acidente histórico, é estratégia de controle. Quando uma mulher sente demais, questiona demais, exige demais, o sistema a rotula como “desequilibrada” para invalidar suas demandas. É mais fácil medicar a revolta do que enfrentar suas causas.

Epílogo: A Loucura como Espelho Social

A residência em Lagos me ensinou que a “loucura” é, muitas vezes, o espelho mais fiel de uma sociedade que não sabe

lidar com a intensidade, com a autenticidade, com tudo aquilo que escapa às medidas pré-estabelecidas. Somos todas, de alguma forma, inadaptadas a um mundo insano. A questão não é se adequar, mas encontrar formas de existir plenamente, mesmo quando, e especialmente quando, isso nos torna “exageradas” aos olhos dos outros.

Voltei de Portugal com uma certeza dolorosa e libertadora: nossa sanidade pode estar justamente na nossa recusa em caber nas medidas impostas. Nossa loucura pode ser, na verdade, nossa mais pura lucidez. O beijo que dei na boca da loucura me devolveu o gosto da minha própria verdade, afiada, cortante, indomável.

As estrelas afiaram minha língua, e agora eu falo a língua das inadaptadas, das exageradas, das que sentem demais. É uma linguagem perigosa, mas é a única que conheço. É a linguagem da arte, da resistência, da sanidade possível em um mundo que enlouquece quem ousa ser inteira.



POEMA DA INSTALAÇÃO

#LoucasSomosTodas

Somos Joana, loucas de amor,
Rasgadas em ciúmes nunca justificáveis.
Se fiéis, traídas. Se traídas, loucas.

Somos D. Maria, as melancólicas,
Afastadas do trono
Por nossa profunda tristeza.

Somos Joana d’Arc, guerreiras,
Ouvindo chamados de um Deus.
Hereges e santas.

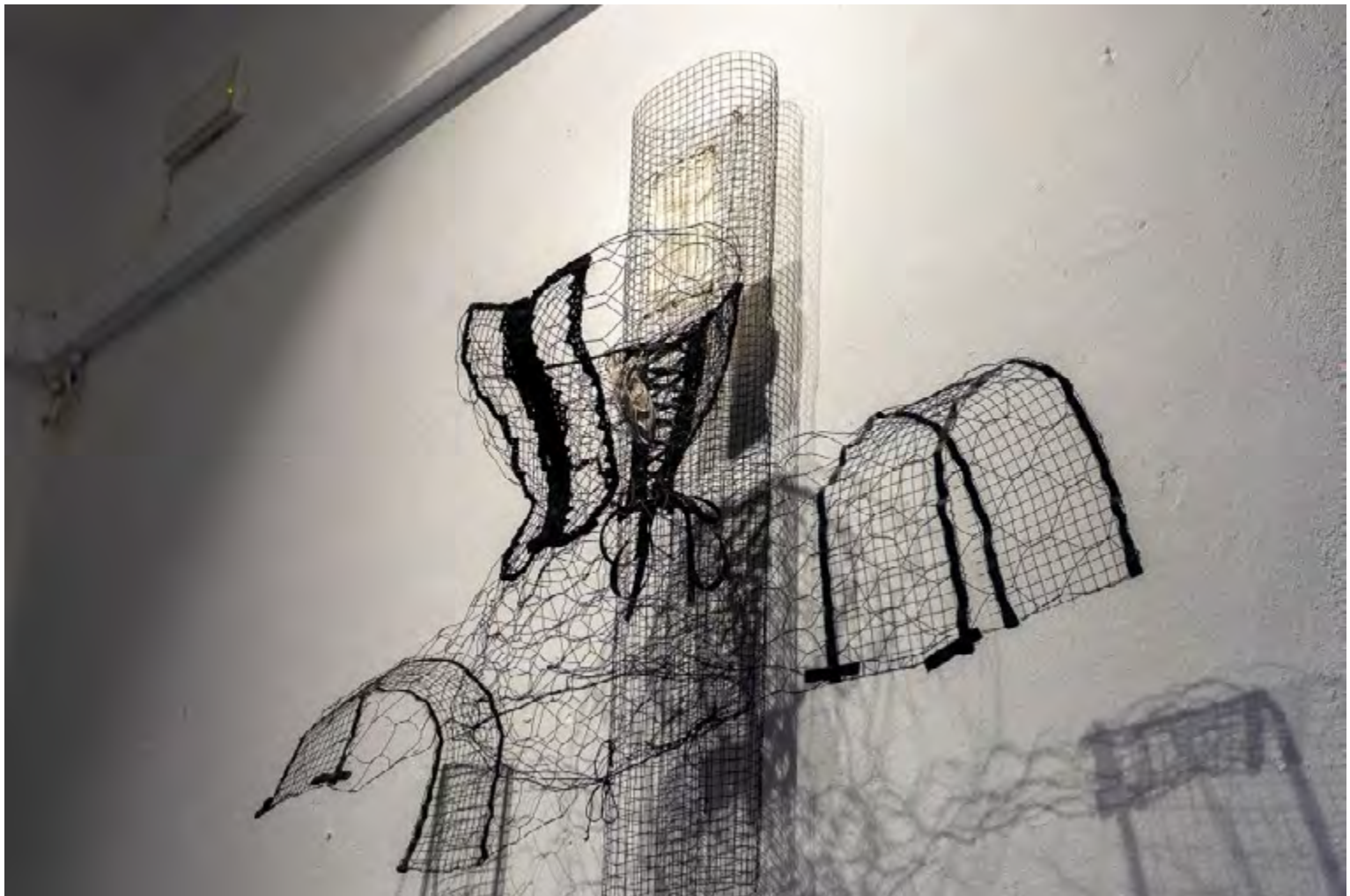
Somos Maura, frágeis.
Cansadas da própria inadequação,
Voluntárias da própria internação.

Somos Dilma, presidentas,
Díficeis e honestas,
Inegociáveis são nossas metas.

Somos Frida, arte e dor,
Em autorretratos viscerais
Expondo as próprias feridas.

Inadaptadas a um mundo insano.
Loucas!?

[poema do livro “Sem alarde, os poemas sangram” | semifinalista do prêmio Escritoras Brasileiras, editora Polifonia. O livro contém parte de poemas provenientes do estudo]



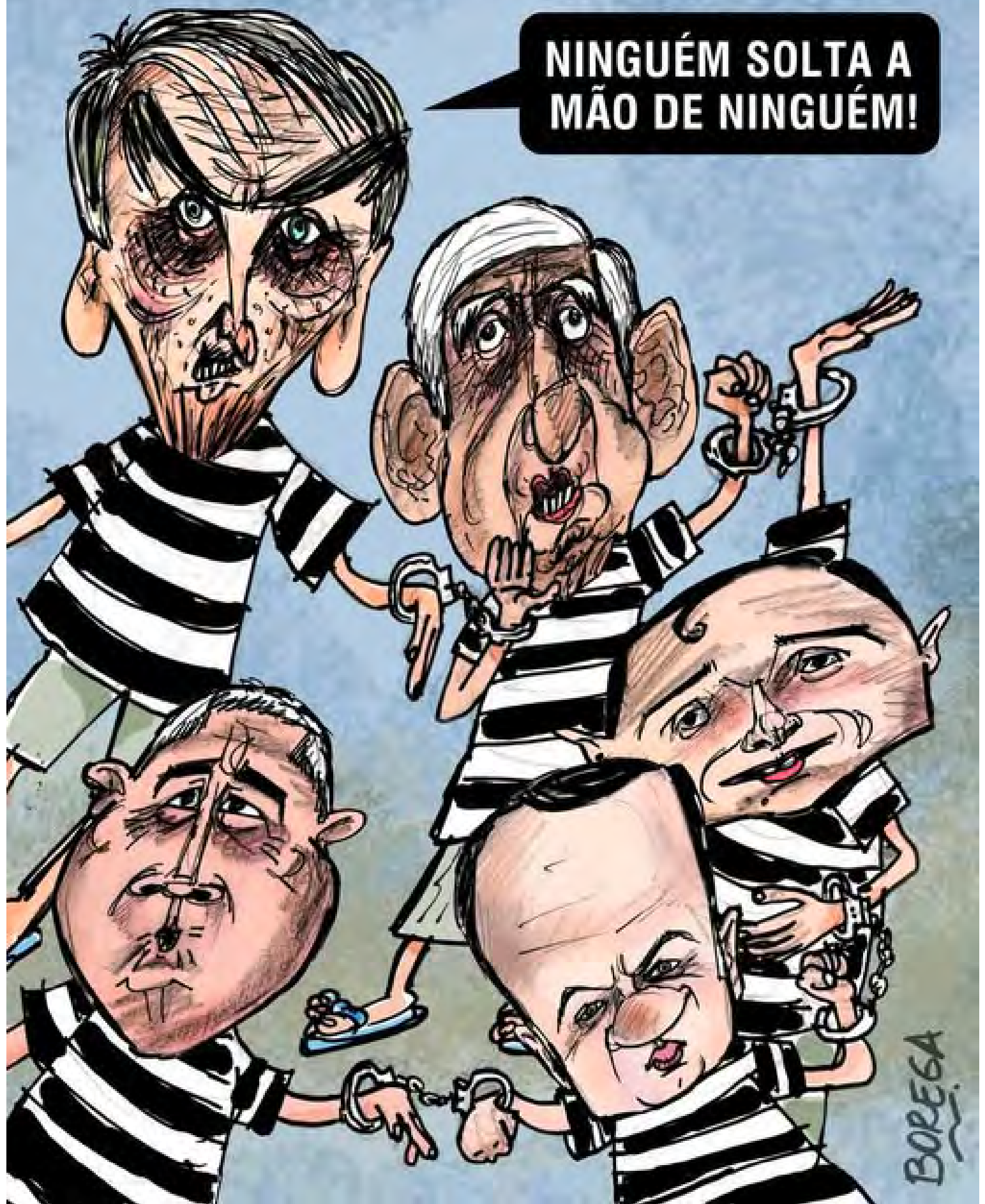


RABISCOSDOBRUM



BRUMCHARGISTA

**NINGUÉM SOLTA A
MÃO DE NINGUÉM!**



QUAL A
PREVISÃO?

TEMPESTADE
DE FAKE NEWS!





ENQUANTO ISSO, NA CASA BRANCA...

VAMOS LÁ...



ENQUANTO ISSO, NOS EUA



Sabe, doutor, acho que esta mania de perseguição herdei do meu pai!

CÂMARA DOS DEPUTADOS VIROU SINDICATO DO **CRIME**



EU TE
BLINDO.
VOCÊ ME
BLINDA

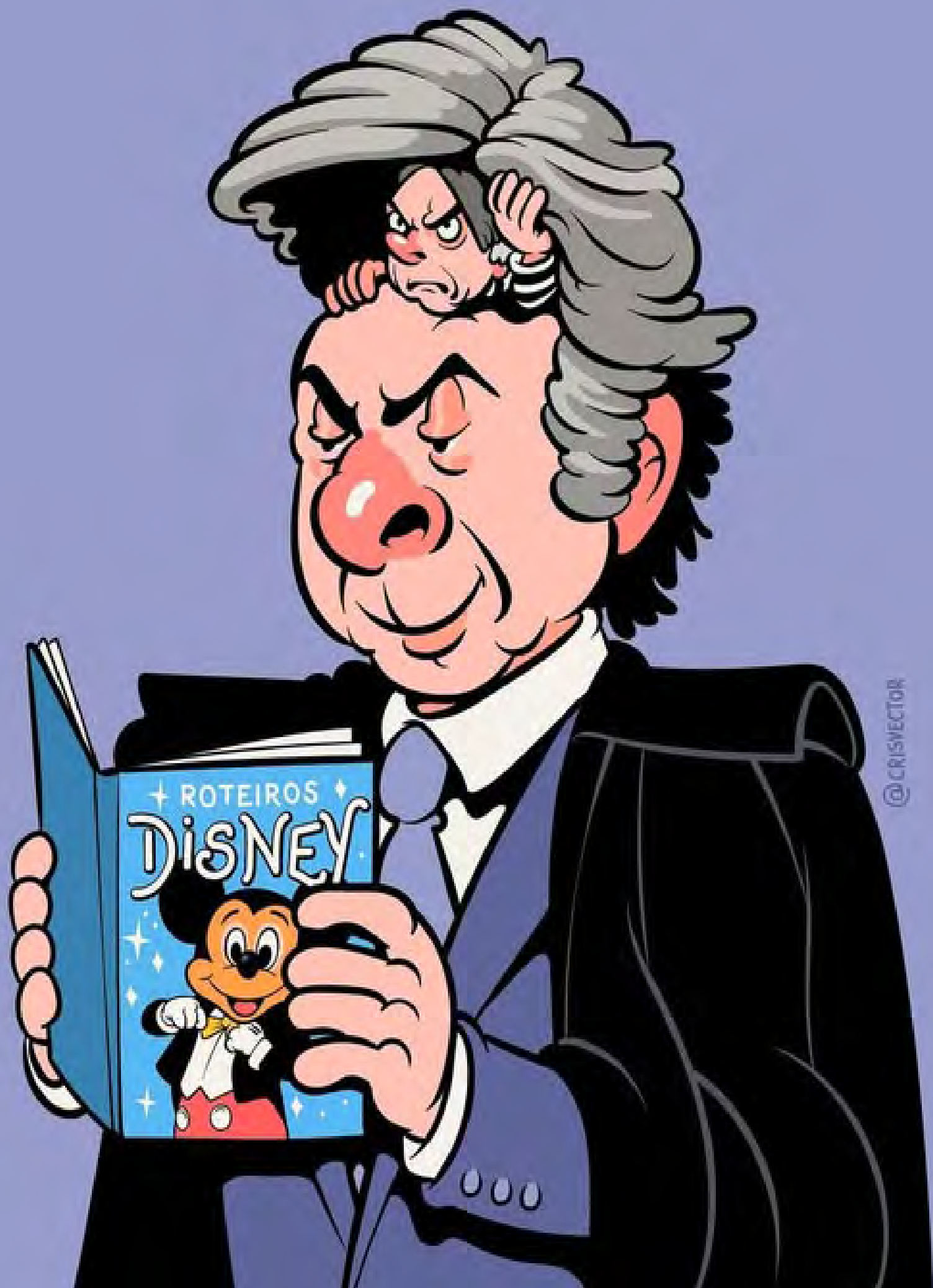
TAMO
JUNTO,
MANO!



TROCO POR
UMA SACA
DE CAFÉ!!!



CACILLO



A FOTOGRAFIA DE



Rodrigo Oliveira

Sou Rodrigo Oliveira. Nasci em Porecatu, Paraná, mas carrego Londrina no coração desde os primeiros meses de vida. Cresci na região norte, próximo aos Cinco Conjuntos, no Jardim São Paulo II, e foi aqui que meus olhos aprenderam a ler as ruas e seus silêncios. Atualmente, estudo História na Universidade Estadual de Londrina, mas antes de me tornar estudante das palavras, fui aprendiz das imagens. Minha primeira câmera chegou nos anos 1990, uma analógica que me permitiu experimentar o mundo em enquadramentos. Fotografei paisagens, shows de metal, cenas dispersas da juventude. Eram rolos e mais rolos de filmes revelados, muitos deles perdidos com o tempo, como se a memória também tivesse sua própria forma de apagar e preservar.

Minha primeira câmera chegou nos anos 1990, uma analógica que me permitiu experimentar o mundo em enquadramentos. Fotografei paisagens, shows de metal, cenas dispersas da juventude. Eram rolos e mais rolos de filmes revelados, muitos deles perdidos com o tempo, como se a memória também tivesse sua própria forma de apagar e preservar. Afastado por um período, reencontrei a fotografia em 2016, desta vez com uma câmera digital. Desde então, não larguei mais esse gesto. O olhar, no entanto, já não era o mesmo: buscava outras paisagens, outras presenças. Passei a registrar lugares abandonados, fundos de vale, animais em situação de abandono — em parceria com ONGs e pessoas que se dedicam ao resgate —, além de cemitérios e objetos esquecidos. Minha lente voltou-se ao cotidiano invisível, aquilo que respira no silêncio da cidade.

Esse percurso levou-me à exposição Todos os Nossos Ontens, Fragmentos de Memórias, apresentada na UEL, no NDPH, entre janeiro e abril deste ano. Nela, reuni imagens de objetos e animais abandonados, sobretudo da região norte de Londrina, revelando um território de memórias e ausências que atravessa o espaço urbano. Fotografar, para mim, é mais que

registrar: é escavar o tempo. A câmera se torna uma extensão do corpo, um modo de tocar o que já não se percebe. O abandono, quando fotografado, deixa de ser silêncio para se tornar diálogo. Cada imagem é um resgate, um convite a olhar para o que ainda pulsa, mesmo quando parece esquecido. Não vejo um objeto abandonado como ruína ou túmulo. Vejo-o como um campo de forças, onde o passado insiste em permanecer vivo, interrogando o presente. A fotografia é memória, lembrança e documento; é também poesia, capaz de devolver sentido ao que parecia não ter voz. Caminhar com a câmera é um exercício de espera. É preciso paciência, tempo e contemplação.

Muitos dos lugares que percorro estão repletos de solidão e silêncio — e é nesse espaço que encontro a chance de ler a vida fragmentada nos vestígios. A fotografia me ensina diariamente. Ensina-me a olhar mais devagar, a perceber as nuances daquilo que resiste, a reconhecer beleza no que foi esquecido. Pela arte de fotografar, aprendo a ser uma pessoa melhor e sigo em direção a novos horizontes — onde cada imagem é também uma forma de encontro.

Algumas referências que serviram à minha leitura fotográfica:

Fotógrafos: Henri Cartier-Bresson, Robert Capa, Sebastião Salgado, Man Ray, Edward Steichen, Josef Koudelka.

Filmes: Expressionismo Alemão, Persona de Ingmar Bergman, Janela Indiscreta de Alfred Hitchcock, O Fotógrafo de Mauthausen de Mar Targarona.

Livros: Ensaios Fotográficos de Manoel de Barros, Um Pedaco de Madeira e Aço de Christophe Chabouté, e Cascas de Georges Didi-Huberman.

Instagram: rodrigoliveira.fotografia



Imagem: 1. Prato em pedaços. Londrina, maio de 2025. Distrito de Heimtal.



Imagem: 2. Camisa da seleção brasileira, sobre entulhos. Conjunto – Vivi-Xavier, zona-norte.



Imagem: 6. Prato em pedaços zona norte de Londrina,



Imagem: 7. Prato em pedaços zona norte de Londrina,



Imagem: 9. Prato em pedaços zona norte de Londrina,



Imagem: 18. Prato em pedaços zona norte de Londrina,



Imagem: 20. Prato em pedaços zona norte de Londrina,



Imagem: 22. Prato em pedaços zona norte de Londrina,



Imagem: 32. Dente-de-leão – sobre a janela, zona norte de Londrina, Parigot de Souza.



Imagem: 40. Colchão entre flores, zona norte de Londrina, conjunto – Vivi-Xavier, 2025.



Imagem: 39. Vassouras., zona norte de Londrina, conjunto – Vivi-Xavier, 2025.



Imagem: 44. A pata do cão e a xícara. Zona norte de Londrina, maio de 2025.

Cristiane Ventre Porcini
São Paulo - SP



TIAGO DA SILVA



D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#36

CADERNO DE
LITERATURA



Livros revelam as lutas de mulheres revolucionárias na história do Brasil

<https://jornal.usp.br/cultura/livros-revelam-as-lutas-de-mulheres-revolucionarias-na-historia-do-brasil/>



Capas dos dois volumes de Mulheres Subversivas – Dentro e Fora da Ordem, organizados pela professora da USP Maria Luiza Tucci Carneiro – Imagem: Divulgação

“A intenção é incentivar a vontade dessa mulher submissa de ser livre, de revelar sua criatividade e suas potencialidades.” É assim que a professora Maria Luiza Tucci Carneiro, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, define o objetivo dos dois volumes do livro *Mulheres Subversivas – Dentro e Fora da Ordem*, que ela vai apresentar neste domingo, dia 19, às 11 horas, no Museu Lasar Segall, em São Paulo. Lançados em agosto passado pela Editora Companhia de História. Pesquisa, Fotografia e Design, os volumes reúnem 19 artigos de diferentes autoras e autores sobre mulheres que, ao longo da história do Brasil, foram revolucionárias em sua época. “Queremos mostrar que nós, mulheres, somos capazes de investir contra os estereótipos que continuam criando caos e alterando a sociedade brasileira”, acrescenta Tucci, que é a organizadora da obra. No evento de apresentação dos livros, a pesquisadora Sophia Faustino fará palestra sobre a artista paulistana Lucy Citti Ferreira (1911-2008).

Os dois volumes da obra contemplam o período que vai do século 18 ao século 20. Os artigos publicados são, na sua maior parte, de autoria de pesquisadoras e pesquisadores que fizeram estudos no Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da FFLCH, alguns dos quais atuaram também no Laboratório de Estudos de Etnicidade, Racismo e Discriminação (Leer), ligado àquele departamento e coordenado pela professora Tucci.

No volume 1 – dividido em três seções, intituladas *Dentro e Fora da Ordem*, *Fronteiras Morais* e *Em Pé de Guerra* -, o leitor se depara com artigos que abordam, por exemplo, as perseguições sofridas no Brasil por cristãs-novas (judias convertidas ao cristianismo), estrangeiras (com ênfase em prostitutas), alforriadas, judias, comunistas e por aquelas mulheres que, de alguma

forma, desafiaram a ordem estabelecida. A estigmatização e o preconceito contra essas diferentes camadas da sociedade — que têm em comum o fato de serem formadas por mulheres — são constantes ao longo dos séculos, como mostra o volume. Escrevendo sobre a prostituição estrangeira em São Paulo entre as décadas de 1930 e 1950, por exemplo, Paula Ester Janovitch enfatiza a diferenciação que existia entre o imigrante – alguém que veio de outro país e se incorporou de forma oficial ao mercado de trabalho – e o estrangeiro, que era visto como “indesejável”. No que diz respeito às prostitutas em São Paulo, o trabalho delas sofria um controle policial próximo do que seria uma regulamentação, mas não oficialmente, porque “regulamentar a prostituição seria reconhecê-la como profissão”, nota Janovitch. “Esse reconhecimento teria consequências morais que a maior parte dos legisladores não desejava assumir diante de uma sociedade que pouco espaço dava para as mulheres e mal saía de um sistema escravocrata.” Nesse cenário, eram atingidas, principalmente, as “polacas”, mulheres de origem judaica vindas da Europa Oriental em meados do século 19.



A professora Maria Luiza Tucci Carneiro – Foto: Reprodução/FFLCH



Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus e
Museu Lasar Segall convidam para

apresentação da coletânea

Mulheres subversivas, dentro e fora da ordem

pela historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro — USP

e palestra

Lucy Citti Ferreira: a artista atrás da modelo

por Sophia Faustino, mestre pelo PGEHA—USP

19 de outubro
domingo
11h

rua berta 111
vila mariana
são paulo, sp

apoio

Ministério da Cultura
Instituto Brasileiro de Museus

realização

Museu Lasar Segall

SBT

IBRAM
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL

Tirar o ativismo feminino do limbo da história

Ao tratar das mulheres alforriadas, Maria da Graça Menezes Mourão e Enidelce Bertin retomam as alterações na legislação escravocrata brasileira ocorridas na segunda metade do século 19 e apontam para a integração social incompleta oferecida a ex-escravizados e a filhos de escravizados. As africanas livres eram tuteladas pelo Estado, mas não baixavam a guarda diante da interferência e negligência deste no cuidado com seus filhos. Paralelamente a isso, as “mulheres forras” adquiriam uma autonomia de vida, exercendo diferentes atividades, ainda que, muitas vezes, a prostituição fosse, também, um “recurso” e “condição generalizante para todas as mulheres negras do Brasil”. Ainda no primeiro volume de *Mulheres Subversivas*, Moacir Assunção traz a história de Maria Gomes de Oliveira (1911-1938), a Maria Bonita, e sua influência no meio do cangaço e do banditismo social, como “talvez a única capaz de se contrapor a Lampião”. Um artigo da professora Tucci Carneiro aborda as judias fichadas pelo Deops (Departamento de Ordem e Política

Social), em São Paulo, os estereótipos associados a elas e as lacunas presentes nas ideias revolucionárias do século 18, como as difundidas pelo Iluminismo, que defendia causas nobres, mas continuava colocando a mulher num lugar inferior. Tucci retoma o longo processo de amadurecimento de conscientização das mulheres, desde o final do século 19, quando despontaram os primeiros movimentos feministas na Europa e nos Estados Unidos, “primeiramente pela luta de direitos políticos e, posteriormente, pelo acesso ao mercado de trabalho, ainda que com baixos salários”. Para a professora, Olga Benário (1908-1942), judia nascida na Alemanha, ativista da Juventude Comunista em Moscou e enviada ao Brasil para proteger o líder comunista Luiz Carlos Prestes, com quem viria a se casar, e depois extraditada, presa e assassinada num campo de concentração nazista, é o símbolo máximo da conjunção de estigmas. “A ideia é estudar o ativismo feminino e tirá-lo do limbo oficial da história, que é o limbo da memória, que se tornou público após o final da ditadura militar”, explica Tucci, em entrevista ao Jornal da USP.



Di Cavalcanti, Mulatas, serigrafia offset sobre papel – Imagem: Reprodução/livro Mulheres Subversivas



17. O encontro de Benjamin Abrahão Botto com o bando de Virgulino, em foto tirada pelo cangaceiro Juriti. Da esquerda para a direita: Vila Nova, não identificado, Luís Pedro, Benjamin Abrahão (à frente), Amoroso, Lampião, Cacheado (ao fundo), Maria Bonita, e outros não identificados, 1936-1937.

Maria Bonita em meio ao bando de Lampião – Imagem: Reprodução/livro Mulheres Subversivas

O volume 2 de *Mulheres Subversivas* foca mais em nomes específicos de mulheres revolucionárias, também em três seções, intituladas *Modernistas Refugiadas nos Trópicos*, *Escritoras da Liberdade e Rebeldes em Movimento*. Novamente, mulheres judias, estrangeiras e mais ou menos militantes aparecem como perseguidas, mas, desta vez, ligadas às artes. Figuras como Ruth Simis, protagonista da resistência nos teatros durante a ditadura civil-militar (1964-1985), e Charlotta Adlerová, artista expressionista alemã, ganham destaque como inspirações para outras mulheres. Charlotta, por exemplo, “não por acaso é reconhecida como uma das precursoras da propaganda brasileira e a principal responsável pela profissionalização do

ofício do desenho publicitário no Brasil”, como se lê no artigo assinado por Luana Gonçalves Carvalho Fúncia.

Saindo das artes plásticas para a literatura, o volume 2 abre espaço para Patrícia Galvão, a Pagu, artista, comunista e jornalista que viajou o mundo, foi presa e torturada, mas, mesmo assim, deixou como legado, entre outras obras, o romance *Parque Industrial* (1933), livro tido como precursor do realismo social brasileiro, numa “deliberada intenção de chocar e quebrar tabus, revelando a hipocrisia social por trás da sexualidade”, denunciando, por meio de suas próprias subjetividades e sensibilidades, a repressão da sexualidade feminina, como escreve Álvaro Gonçalves Antunes Andreucci.

O segundo volume é finalizado com artigos relacionados ao surgimento de movimentos e organizações de mulheres no século 20, associados tanto ao movimento negro quanto ao feminismo e ao anarquismo. Uma das revolucionárias citadas é a militante anarquista Isabel Cerruti (1886-1970), que criou um estilo próprio de escrita para analisar notícias e fatos do cotidiano sob a perspectiva de uma “mulher proletária, paulista e plebeia, defendendo a igualdade de gênero e a igualdade de direitos civis, além de colocar-se contra o militarismo, criticar o clero, a Igreja e os vícios da burguesia e defender o amor livre, com a condição de emancipação financeira para tal”, segundo o autor do artigo sobre a militante, Rodrigo Rosa Silva.



57. Patrícia Galvão, a musa do movimento modernista em São Paulo, dec. 1930, Fotógrafo desconhecido. Acervo Lucia Teixeira. Centro de Estudos Pagu Unisanta.

inspirado em pensadores como o historiador francês Roger Chartier, o etnólogo francês Georges Balandier (1920-2016) e o historiador inglês Eric Hobsbawm (1917-2012), “que nos incentivam a tornar públicos aqueles anônimos da história”. Nesse sentido, a obra visa a entender que “nem sempre a desordem cria o caos”, como diz Tucci. “A desordem altera uma realidade no sentido de trazer dias melhores, de inovar, do ponto de vista de preparar a sociedade para dialogar com a diversidade.” Embora a mulher seja associada à representação do caos coletivo, a professora busca demonstrar que o que cria o caos, de fato, são “os estereótipos que alimentam os mitos machistas e suas versões racistas e discriminatórias”.



25. Olga Benário, militante comunista alemã, de origem judaica, aos 20 anos. Acervo A. L. Prestes; Arqshoah/LEER-USP.

Olga Benário e Pagu, duas mulheres revolucionárias do século 20 – Imagem: Reprodução/livro Mulheres Subversivas

Fora da ordem: o conceito de subversão
De uma forma ou de outra, todas as mulheres citadas na obra organizada por Maria Luiza Tucci Carneiro subverteram uma ordem existente. Ao Jornal da USP, a professora explica que o conceito de ordem e desordem utilizado em *Mulheres Subversivas* foi

Por isso, ela crê na importância de dar voz a essas mulheres e às suas lutas, ainda que se trate de um processo lento, já que as narrativas e mesmo as fontes de informação são e foram, em sua maioria, controladas pelos homens. Tucci cita como exemplo o fato de que muitas imigrantes que

trabalharam como escritoras ou operárias aparecem, nos registros oficiais, como “donas do lar” ou tendo como ocupação “prendas domésticas”, o que é, também, uma forma de apagamento. Tanto na coletânea como no projeto Travessias, que ela desenvolve no Leer, a professora quer “corrigir alguns lapsos desses arquivos, que acabam contribuindo para tornar essas mulheres personagens semi-invisíveis da história, mesmo quando é uma personagem importante das cenas históricas”.

A “desordem” a que Tucci se refere é indicada, também, nas capas dos dois volumes de Mulheres Subversivas, que têm vários de seus elementos fora da ordem tradicional, em trabalho realizado pela designer Milena Issler. Por exemplo, o nome da organizadora aparece como “Tucci Luiza Carneiro Maria”, em vez de Maria Luiza Tucci Carneiro, enquanto títulos e subtítulos aparecem desalinhados. A questão do design e da ilustração surge com frequência na obra, que tem, ao longo de suas páginas, xilogravuras feitas por mulheres, além da presença de elementos da literatura de cordel e de obras de Lasar Segall e de Candido Portinari — também presentes nas capas e contracapas.

Ao Jornal da USP, Maria Luiza admite a intenção de lançar pelo menos mais dois volumes da coletânea. “A minha ideia é publicar artigos que mostrem a mulher no período da colonização, do século 16 ao 18, e, basicamente, voltados para as mulheres dos colonizadores nesse período. E, já adentrando o século 20, abrir um espaço para a história das mulheres operárias e ligadas às ciências exatas.”

Mulheres Subversivas – Dentro e Fora da Ordem, volumes 1 e 2, de Maria Luiza Tucci Carneiro (organizadora), Editora Companhia de História. Pesquisa, Fotografia e Design, Preço: R\$ 220,00

A apresentação dos dois volumes de Mulheres Subversivas – Dentro e Fora da Ordem acontece neste domingo, dia 19, às 11 horas, no Museu Lasar Segall (Rua Berta, 111, Vila Mariana, em São Paulo, próximo à Estação Santa Cruz do metrô). Entrada grátis.

* Estagiário sob supervisão de Roberto C. G. Castro

** Estagiário sob supervisão de Moisés Dorado



Mulheres Subversivas aponta para a subversão até graficamente, como explica uma das páginas do livro (acima) – Imagem: Reprodução/livro Mulheres Subversivas

Soneto

No bordado de Araucárias

Na terra de belezas naturais
Em todo canto algo a encantar
Em cachoeiras, cerrado e mata
Animais e pássaros a preservar.

Mantendo viva a criação divina,
Corredores ecológicos — lago azul.
Campos abertos e imensa tradição
Décadas de povoamento — gratidão.

Repletos de amor e de heranças,
Todos chegaram com esperança.
Logo construíram uma nação.

Tropeirismo desbravou e ficou,
Terra dos índios, dos imigrantes,
Nosso Paraná que cresce e floresce.

Silvane Silveira Fernandes

Sextina
Será amor?

A sextina é uma composição poética de 7 estrofes, sendo 6 sextilhas e 1 terceto, cujas palavras finais dos seis primeiros versos se repetem nas estrofes seguintes em outra ordem, conforme o esquema abcdef faebdc cfdabe ecbfad deacfb bdfeca bdf (ou ace). A palavra final do último verso de cada estrofe aparece finalizando o primeiro verso da estrofe seguinte. A invenção da sextina é atribuída ao poeta provençal Arnaut Daniel, em algo entre 1180 a 1195 ¹.

Como vento entre folhas da estação,
Sentimento vivido, plácido amor,
Marejados, lágrimas entre os olhos,
Sem regras, roteiro, deixou no passado
Impressões que carrega por toda vida,
Vai-se-me a esperança e fica o passo.

Nas areias e mares sigo meu passo,
Tempo, contemplação em cada estação,

Momento, o destino unindo vidas,

1 <https://comofazerumpoema.com/sextina-o-que-e-caracteristicas-exemplos/>

No encontro, na calma daquele amor
Gestos nobres que ficaram no passado,
Lembrança do encanto de seus olhos.

Na vontade registrada em seus olhos
Continuo sem medir, sigo e passo,
Na escuridão lembranças do passado,
Recomeços rumo à nova estação
Carregados de nostalgia e amor,
Será sentimento para toda vida?

Margens do rio, calmaria da vida
Cheias de encantos refletem seus olhos,
Depois da paixão que queima, vem o amor
Livre, confiante, elegante passo,
Conforta, acolhe em toda estação,
Saudade que segue seus passos, passado.

Pergunta sem resposta se fez passado,
Flores brotam, rebrotam — jardins da vida,
Tempo, dúvida como nova estação,
Em teu braços, certeza reluz nos olhos,

No caminho que escolho, mudo o passo,
Nossa união, memórias do amor!

Sem carinho, relação ficou sem amor,
Caminho seguiu, tudo virou passado;
Ser triste ou feliz? ... escolho o passo,
Na água corrente levando a vida
Sem sol, girassol diante de seus olhos,
Rio secou antes da nova estação.

No céu estrelado, passado de amor,
Na nova estação brilho em meus olhos,
Entre o céu e a terra, passo — vida.

Silvane Silveira Fernandes

A BRISA NA FRESTA



Silvane Silveira Fernandes

A brisa na fresta

Silvane Silveira Fernandes

Mônica não sabia mais o que fazer, seus gestos já não estavam sendo percebidos, fora do seu reduto o mundo estava um caos e sua voz não era ouvida, acostumada com a atenção recebida por toda a vida, agora com oitenta anos sua perspectiva mudara e com ela todos os seus sentidos.

Para a senhora de pele pálida e pensamentos em névoa o que restara eram seus livros que por décadas lhe confortaram e ampliaram sua mente, além de seu amado gato, que nunca a decepcionou e diariamente a alegrava com carinhos e afagos; sempre ativa a professora devorava livros e revistas semanais em todo lugar, desde a sala de aula onde foi mais que sua morada — seu refúgio, onde encontrava atenção e reconhecimento pelos seus 40 anos de serviços prestados à sociedade, até a praça onde ficava localizada a banca de revista que tornava agradável sua rotina e que ela acompanhou por toda a vida em cada nova edição da sua revista preferida; e então agora aposentada não lhe sobrou nem a leitura, sua vista cansada não lhe permitia realizar o ato que lhe deu prazer e discernimento por tantos anos.

No amanhecer de sábado sua rotina era marcada pelo passeio matinal até a banca de revista perto do seu apartamento onde Mônica se deliciava com as variedades ali vendidas, eram textos diversos: crônicas, romance pocket, notícias, novelas, entretenimento, as famosas revistas semanais, que eram suas preferidas, e um pouco de literatura, pois a banca do seu Alfredo priorizava periódicos e jornais. Sempre que dona Mônica queria comprar ou adquirir um livro ela preferia ir ao sebo, onde encontrava o espaço de socialização que desejava, a sua relação com os livros era de encontro, com as letras, com as histórias, com os autores, com as pessoas... todo o mês o encontro marcado era precedido pela leitura do livro programado e dona Mônica esperava ansiosa a data prevista da reunião; entre amantes, clientes e admiradores da literatura ali ela fez amigos, a senhora além de professora era crítica literária e escreveu mais de 100 resenhas ao longo de sua vida. Até que tudo mudou e sua alegria de viver foi esmorecendo, sua dedicação ao magistério e à literatura lhe preenchiam, e sua vida íntima nunca floresceu,

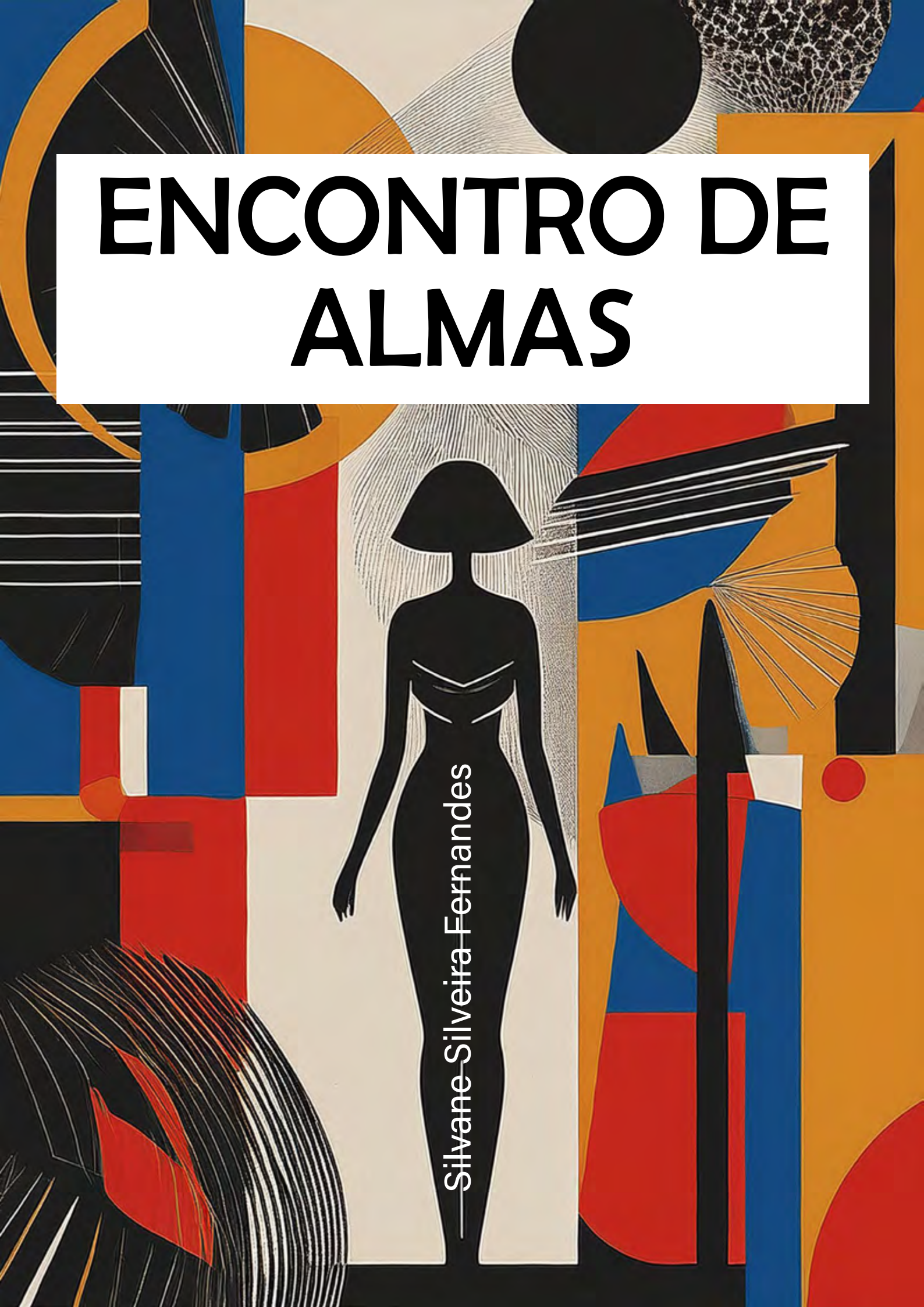
seus amores não vingaram e sua família não se fez, toda a sua existência foi vivenciada em páginas, ora na escrita, ora na leitura, e sua intimidade e impressões do dia a dia ficavam guardadas, registradas num pequeno diário que recentemente não era mais preenchido, pois, com dificuldades para ler a senhora não mais escreveu sobre sua vida e parecia que tudo parou, a

caminhada até a escola onde lecionou nos últimos 20 anos já não era mais parte de sua rotina, a alegria do fim de semana na banca do seu Alfredo onde se deparava diante de tantas escolhas, já não fazia parte de suas manhãs de sábado, onde muitas vezes ela se desafiava ao comprar revistas e livros que ensinavam algo novo e com toda a força e vivacidade a senhora se propunha a realizar, a aprender, foram muitas técnicas de tricôs, bordados, culinária, artesanato, biscuit, além de conhecimentos adquiridos sobre variedades, viagens, animais, natureza, era tudo que Dona Mônica queria e precisava, ou pelo menos, o que ela realizava e se satisfazia no seu viver.

O colégio que a professora lecionou já a deixava saudosa há alguns anos e muito embora seu nome ainda tivesse registrado em paredes e papéis, as pessoas, funcionários e alunos já não estavam presentes, pois com sua aposentadoria toda a sua dedicação no magistério virou lembrança, na sua memória e na de todos os alunos que ela ajudou a formar em algum momento, hoje enquanto dona Mônica refletia sobre o passado, seus alunos eram os adultos que mudavam e faziam a sociedade girar, eram profissionais e famílias que se constituíam conforme o tempo passava diante de seus olhos, alguns raros alunos ainda a visitavam, além do carinho talvez pela empatia em saber que aquela senhora, professora dedicada, não tinha família, sua vida foi sua própria existência e agora estava findando, não lhe sobrou quase nada para viver da forma que era vivido, dona Mônica não sentia mais a gratidão vinda do olhar dos seus alunos em dia de formatura, não se alegrava na banca do seu Alfredo quando recebia a notícia que sua encomenda tão esperada havia chegado, não encontrava o apreço dos escritores de suas resenhas, e seu telefone parou de tocar, para ela o dia passava devagar, sem significado, não havia correria, não havia luz, com sua visão comprometida nem os óculos que a acompanharam por toda a vida já não lhe faziam companhia e o mundo adormeceu em memórias que ainda insistiam em alegrar seus pensamentos e sonhos. Dona Mônica era grata por tudo e assumiu suas escolhas muito antes da perda lenta de seus sentidos, restava para a senhora de semblante plácido e olhar atento o esperar, ela esperava o anoitecer e o amanhecer e toda as suas economias iam se dissipando junto com seus pensamentos, tudo era passado, mas na sua alma ela não via o fim, ela enxergava o começo, de uma nova possibilidade, de um novo capítulo onde suas limitações e perdas deixassem de existir e sua alma encontrasse a paz que sempre buscou em contos e livros, sua esperança estava no infinito, naquilo que não acaba, no seu espírito evoluído, e sua alegria era sentir o calor do sol, o canto dos pássaros, o carinho do seu gato e a brisa que nunca deixou de entrar em sua janela.

ENCONTRO DE ALMAS

Silvane-Silveira-Fernandes



ENCONTRO DE ALMAS

Sara parecia saber sobre o passado de Gabriel, mesmo conhecendo o jovem a menos de duas horas seu coração acelerou e encontrou naquele olhar o acalento da sua vida. O dia tinha começado bem frio, quando Sara acordou o relógio marcava 5:24am e foi possível ela repensar sua apresentação que faria naquela manhã na universidade, então assim que repassou o conteúdo que lhe cabia apresentar naquele último dia de aula, antes das férias, ela foi tomar seu banho quente com aquecedor ligado e logo tomar seu café quentinho, todo aquele vapor do chuveiro e do café lhe confortaram para poder seguir em frente naquele dia atarefado. E assim seguiu por ruas e avenidas com seu veículo Jeep que ligado no ar condicionado fazia esquecer da neve que estava para fora do automóvel em tudo que se via, mas o conforto durou pouco, em 20 minutos Sara já havia chegado no estacionamento da universidade e seguido com suas tarefas agendadas, planejadas e estudadas.

A jovem estudiosa e audaciosa, sempre alegre com a vida, buscando o melhor de cada dia estava preocupada porque sempre que o trabalho era em conjunto ou em grupo o desempenho e resultado era dividido, mesmo assim correu tudo bem e o último dia de aula estava acabando, entretanto aquela manhã de inverno lhe reservava algo mais, inesperado e envolvente. Despretensiosa Sara foi vivendo sua despedida dos colegas antes das férias de julho, muitos ela somente veria no retorno das aulas e para esses a saudade não ia existir, porém um sentimento novo estava por surgir.

Naquela mesma manhã alguém foi anunciado pelo professor como novo aluno da sala de Sara, todos ficaram surpresos pelo rapaz estar chegando quando a aula estava acabando, mas a vida guarda esses nuances de incertezas e improbabilidade, para Gabriel que acabara de chegar essa era sua realidade, recém-chegado da viagem que marcou sua transição da Europa para o Brasil, e foi assim que aquele dia frio de inverno tomou um novo rumo, após a apresentação do novo aluno grande parte da turma chegou até ele para perguntar sobre sua origem e destino, aquela conversa direta que em menos de dez minutos pretende extrair uma vida toda, e para muitos foi apenas isso, uma breve conversa e apresentação, entretanto, Sara sentiu algo mais e imediatamente percebeu que Gabriel também.

Depois do fim da aula Gabriel se esforçou para sair da sala junto com Sara pelos corredores da instituição de ensino e começaram a se conectar, para eles o tempo que estiveram juntos era muito pouco, o coração acelerou ainda mais e um olhar mais atento fez Sara perceber aquele jovem, além de chamar a atenção pela primeira impressão que causou ele também tocou a moça com um simples olhar, um encontro de almas num átimo de segundo. Sara era bem reservada e não tinha se apaixonado por ninguém da sua turma ou ainda da própria universidade dentre tantos jovens interessados, mas naquela manhã gélida com temperaturas abaixo de 0°C o seu coração aqueceu, ela sentiu uma conexão, um interesse nunca sentido e deixou acontecer, não tinha como fugir. Os passos até seu carro foram devagar como se quisesse que o tempo parasse já

que tudo estava acabando, a aula, a manhã, a saída até o carro, ainda assim parecia uma eternidade considerando a importância daqueles minutos.

Gabriel foi até o carro de Sara e o frio não havia amenizado porque o sol não apareceu, todavia Sara não esperava que naquele dia o calor fosse tomar conta do seu coração como nunca antes e o inesperado aconteceu, a paixão bateu em sua porta com a força avassaladora de uma explosão de sentimentos, mesmo assustada com essa nova sensação ela se acalmou quando percebeu a troca, a cumplicidade deste sentimento com esse jovem rapaz que chegou naquela manhã, e assim Gabriel analisando a situação logo pediu o contato de Sara para poder convidá-la para algum encontro ou conversa e dar asas a essa sensação de liberdade e amor que sentiu assim que a encontrou por acaso do destino neste mundo incerto e repleto de probabilidades, os dois não queriam deixar passar este cometa que chegou de repente mas que parecia forte o suficiente para arrebatá-los, fazer acontecer, eles queriam desenvolver o que tinha acabado de começar e que mesmo tão recente parecia abalar tudo aquilo que já haviam vivido. Os dois já eram maduros o suficiente para saber que certas situações, oportunidades ou sentimentos não podem ser apagados, ignorados ou simplesmente morrer pela inércia e logo que puderam se viram novamente e repetiram, e confirmaram que seus instintos não estavam enganados. Desde o primeiro encontro muitos vieram e as férias de inverno ficaram aquecidas e um romance se fez. Os dias ficaram mais coloridos ainda que a paisagem permanecesse invernal e tudo se encaixou como uma história predestinada e os dois não deixaram passar e viveram o que o destino ligou, duas almas prontas para viver o amor. Quando a aula retornou o inverno ainda estava presente na estação mas a união dos dois trouxe para suas vidas o aconchego, o amor tão desejado pelo casal e os dias passaram rápidos e o ano acabou, mas para eles a vida estava apenas começando e assim foi, apaixonados seguiram juntos os desafios futuros agradecidos pelo que o destino lhes reservou. Naquela temporada de neve e frio seus corações se aqueceram com o amor que um sentia pelo outro. Eles não desperdiçaram o encontro de almas que o destino uniu, que chegou despretensiosamente e tornou-se para sempre.

Silvane Silveira Fernandes, paranaense, escritora e advogada. Autora com quatro livros publicados: Um romance em Marselha; Sauí, o mico-leão-dourado; A casa do João-de-barro – infantis; Luminar Amálgama Essência - poesias. É coautora em antologias, com textos publicados em revistas literárias.

Acadêmica e personalidade literária 2024 pela Academia Interamericana de Escritores (academia.ainte). Primeiro lugar no Concurso Nacional PoeArt de Literatura 2024, homenagem ao Poeta Mano Melo, com a poesia “Haicais o sabor da vida”.
@silvanesilfernandes



**Dos ridículos da vida:
Um passeio em família
e o Estado e sociedade
estratificada**



Dos ridículos da vida: Um passeio em família e o Estado e sociedade estratificada

No momento que dedilho este breve texto, posso dizer que eu acumulo um bom tempo, trabalhando nos subsolos dos aparatos do Estado, eu como membro efetivo do baixo escalão. Percebo as coisas de modo um tanto diferente dos que não pertencem a este universo em particular.

Pois disto isto, lá estava eu no centro da minha cidade interiorana, a beira mar, em um passeio em família de final de semana. Era eu e o meu filho e não estávamos então somente passeando, pois mantemos um projeto familiar de fotografia popular e amadora, resumindo, pai e filho tiram fotografias cidade a fora, em um celular barato meia boca.

Avançamos mais um pouco, dizem que para ter ideia de como chegamos até onde estamos é preciso olhar para o passado, para trás e complemento que para saber o que acontece nos andares superiores da sociedade estratificada, só basta olhar para baixo. No meu caso é olhar para os lados, pois sou somente um elemento típico dos subterrâneos da sociedade. Voltando para o início do texto, sou membro efetivo do aparato repressivo do estado e passou boa parte das horas úteis e inúteis uniformizado vigiando e protegendo os bens materiais estatais. E indo direito ao ponto, queres saber como se comportam e a questão pensando os divinais seres mitológicos dos andares de cima, os querubins e as querubinas. Basta olhar com muita atenção, as muitas ridiculices, que ocorrem nos substratos da sociedade estratificada nas camadas sociais mais baixas hierarquicamente organizadas.

Estávamos em um sábado de sol no início da tarde, eu e o meu guri, batendo fotografias na entrada e de um aparato cultural da cidade, para a nossa sorte as portas tinham sido abertas a poucos minutos! E como eu sei desse detalhe atômico? Adentramos no prédio histórico e lá estava ela, uma agente do aparato repressivo da infraestrutura, uma guarda terceirizada. A agente do aparelho repressivo privado, estava abrindo as salas e orientando as pessoas que tinha acabado de adentrar no aparato cultural.

Mas o que está de errado na cena retratada acima? Nada! Absolutamente nada! Somente pelo fato, que a incumbência de abrir e fechar o aparato cultural, era e é dos sacrossantos querubins e as sacrossantas querubinas de médio escalão. Os seres supremos mitológicos provavelmente se deram uma mini férias remunerada. Pois bem, fotografias das duas exposições foram tiradas, fotografias dos corredores do aparato cultural foram tiradas. Era hora de bater em retirada antes que alguma coisa acontecesse, pois os sacrossantos querubins e as sacrossantas querubinas, ainda não tinham dado ares das suas graças. Ver dois descendentes de pessoas que um dia foram legalmente escravizados, serelepes a bater fotografias, não é uma visão corriqueira. E o que não é corriqueiro, não é uma coisa boa. Não para alguns sacrossantos querubins e as sacrossantas querubinas.

Descemos as escadas, passamos na frente de outro aparato cultural, era um aparelho histórico e para surpresa minha, estava fechado e só pude pensar que o agente do aparelho repressivo privado, deveria estar de atestado médico.

Fragmento do livro: Dos ridículos da vida. Texto de Samuel da Costa, contista, poeta e novelista em Itajaí, Santa Catarina. Arte digital de Clarisse da Costa, que é designer gráfico, novelista, contista, poetisa e cronista em Biguaçu, Santa Catarina.



INFÂNCIA ROUBADA



Nas teias do tempo, onde a infância tece seus fios,
Surgem sombras novas, em rostos tão macios.
Eu, que das letras faço ponte, e da filosofia, guia,
Contemplo o espelho que a alma hoje desafia.
Crianças, joias raras, em pureza e fulgor,
Agora imersas em rituais de um tempo sem cor.
Artifícios, adornos, um arsenal de vaidade,
Roubam do riso espontâneo a sua liberdade.
As vozes do presente, em relatos do porvir,
Confirmam que a infância se esvai, em um precoce porvir.
Meninas, em sua flor, vítimas de um cruel disfarce,
Adultizadas, sim, em cada efêmero abraço.
O saber adverte, voz em meio à multidão,
Clama que a infância é amputada, sem compaixão.
Um processo sutil, que a sociedade impõe,
Onde a inocência se curva, e a essência se dispõe.
Mas nem tudo é sombra, nem tudo é lamento e dor,
Há vozes que se erguem, clamando por amor.
Uma essência que inspira, traz a luz ao caminho,
E ensina o cuidado, com carinho.
Ações de consciência, um ser na areia a brincar,
"A única esfoliação que a criança deve praticar.
" E a alma em movimento, em passos de leveza e arte,
"A única rotina que lhes cabe em cada parte."

E eu, nesta arena de pensamentos e de crença,
Concordo, sim, com a verdade que a alma adensa.
Que a infância seja livre, em sua essência e luz,
Sem prisões da imagem, que a felicidade reduz.
Que a pele respire a brisa, o sol e a alegria,
E os passos se guiem na mais pura fantasia.
Que o brilho nos olhos seja da alma, não do artifício,
E o futuro se erga, em sua forma mais gentil.

MÁRCIA DA LUZ LEAL:

É professora de Língua Portuguesa e Espanhol da Rede Estadual de Ensino do Paraná, Mestra em Políticas Públicas e Desenvolvimento e Doutoranda em Desenvolvimento Rural Sustentável.

Apaixonada pela magia das palavras, desde cedo nutriu um profundo amor pela linguagem e pela escrita poética.

Participa constantemente de coletâneas antológicas e em revistas digitais e impressas, não apenas no Brasil, mas também em outros países latino-americanos. É paranaense, nascida em Iretama, residente em Santa Terezinha de Itaipu.



@MARCIA_LLEAL

Evandro Valentim de Melo

Adoção,
doação,
desdobramentos



Adoção, doação, desdobramentos

Evandro Valentim de Melo

A tarefa individual que passei aos alunos do oitavo ano consistiu em escrever sobre um episódio significativo na vida deles. Pela pouca idade, talvez não houvesse tanto o que contar, mas o importante era exercitar a escrita. Leciono em uma escola particular e cara. Esperava, confesso, textos superficiais, afinal são bem jovens. Outra variável é o padrão de vida que desfrutam. Têm acesso a mundos que os alunos da outra escola em que trabalho, pública e de periferia, nem sonham.

A maioria das redações confirmou minhas expectativas. Uma, contudo, fora da curva, tratou de temas bastante sensíveis.

“Eu tinha um único irmão, um ano mais novo do que eu. O verbo é mesmo do passado: ‘tinha’. Antônio faleceu faz dois anos. Ele Chegou à minha família às vésperas de completar seis. Antes, vivia em um orfanato.

Meu pai e minha mãe queriam ter muitos filhos, mas quando eu nasci, houve complicações, minha mãe quase morreu e o médico avisou a ela e a meu pai, que não poderiam mais ter filhos.

Ser filho único é meio chato.

Quando eu tinha sete anos, meu pai e minha mãe começaram a falar sobre adoção. Depois que compreendi do que se tratava, eu fingia brincar, mas prestava atenção. Minha mãe passou a ficar mais alegre. Ela e meu pai, finalmente, me contaram. Em breve eu teria um irmão.

Dias depois dessa conversa, meu pai e minha mãe fizeram um curso na Vara da Infância. Contavam pra mim tudo o que aprendiam lá. Comecei a ficar tão ansioso quanto eles para esse irmão chegar logo.

Certa vez vi minha mãe chorando. Ela me abraçou e disse que estava ficando sem esperanças, a adoção demorava demais.

Muitos dias depois, um telefonema da Vara da Infância fez os olhos do meu pai brilharem. Ele abraçou minha mãe e contou pra nós:

— Nossa família vai aumentar!

Minha mãe chorou de novo, só que dessa vez era de alegria.

Numa segunda-feira, de tarde, Antônio chegou com meu pai. No início ele era envergonhado, quase não falava. O aniversário dele foi comemorado apenas por nós quatro em nossa casa. Ao apagar a vela do bolo, ele sorriu pela primeira vez.

A cada dia que passava, a gente ficava mais e mais irmão. Ele gostava de carros e de brinquedos de montar. Gostava, também, de super-heróis. Eu sei desenhar e ele pedia que eu fizesse alguns. Ainda tenho guardados vários que desenhei para ele.

Um dia, Antônio acordou se sentindo mal. No hospital, descobriram que o coração dele tinha um defeito sério. Daí em diante, ele só piorou. O médico contou que Antônio precisaria de outro coração, e bem rápido.

Meu pai e minha mãe me explicaram que Antônio dependeria da solidariedade de outras famílias, mas que essas famílias estariam experimentando uma dor muito profunda pela perda de um ente querido. Nesses momentos de grande angústia, é bem difícil uma pessoa enxergar o sofrimento dos outros, pois a dor é terrível.

Aprendi que quando alguém sofre morte cerebral, os órgãos que podem ser doados precisam ser retirados bem rápido, se isso não acontecer eles estragam.

No caso de Antônio, no mesmo hospital em que ele estava, uma criança morreu, acidente de trânsito. Só a criança, os adultos que estavam com ele quase não se machucaram.

Uma moça do hospital conversou por muito tempo com o pai e a mãe dessa criança, mas nenhum dos dois concordou em doar o coração, que poderia salvar Antônio. Nunca pude ir ao local em que ele estava internado. Não permitiam visita de crianças. Meu pai contou que meu irmão estava muito fraco; tinha uma máquina ajudando o coração a funcionar. Minha mãe e meu pai estavam tão tristes...

O coração novo que Antônio precisava não chegou e ele morreu.

— Antônio virou estrela.

Para meu pai e minha mãe não ficarem ainda mais tristes, eu só chorava escondido.

Apesar de tudo, eles autorizaram a doação dos órgãos e tecidos de Antônio. Até do coração. Para ser estudado.

Queria que minha mãe e meu pai adotassem outra criança, mas eles nunca mais tocaram nesse assunto. Acho que terei de me acostumar a ser filho único.

‘O tempo cura tudo’. Minha vó sempre diz isso. Ela sabe das coisas. Nossos corações cicatrizaram, poderão até ser doados no futuro.”

Impossível não me emocionar com a redação. Para esse jovem aluno a experiência foi muito significativa e ele a descreveu com maestria. Dei nota dez.

Rosangela Mariano

Rosa branca
Rosangela Mariano
São Leopoldo – RS
Instagram: marihanaescritora

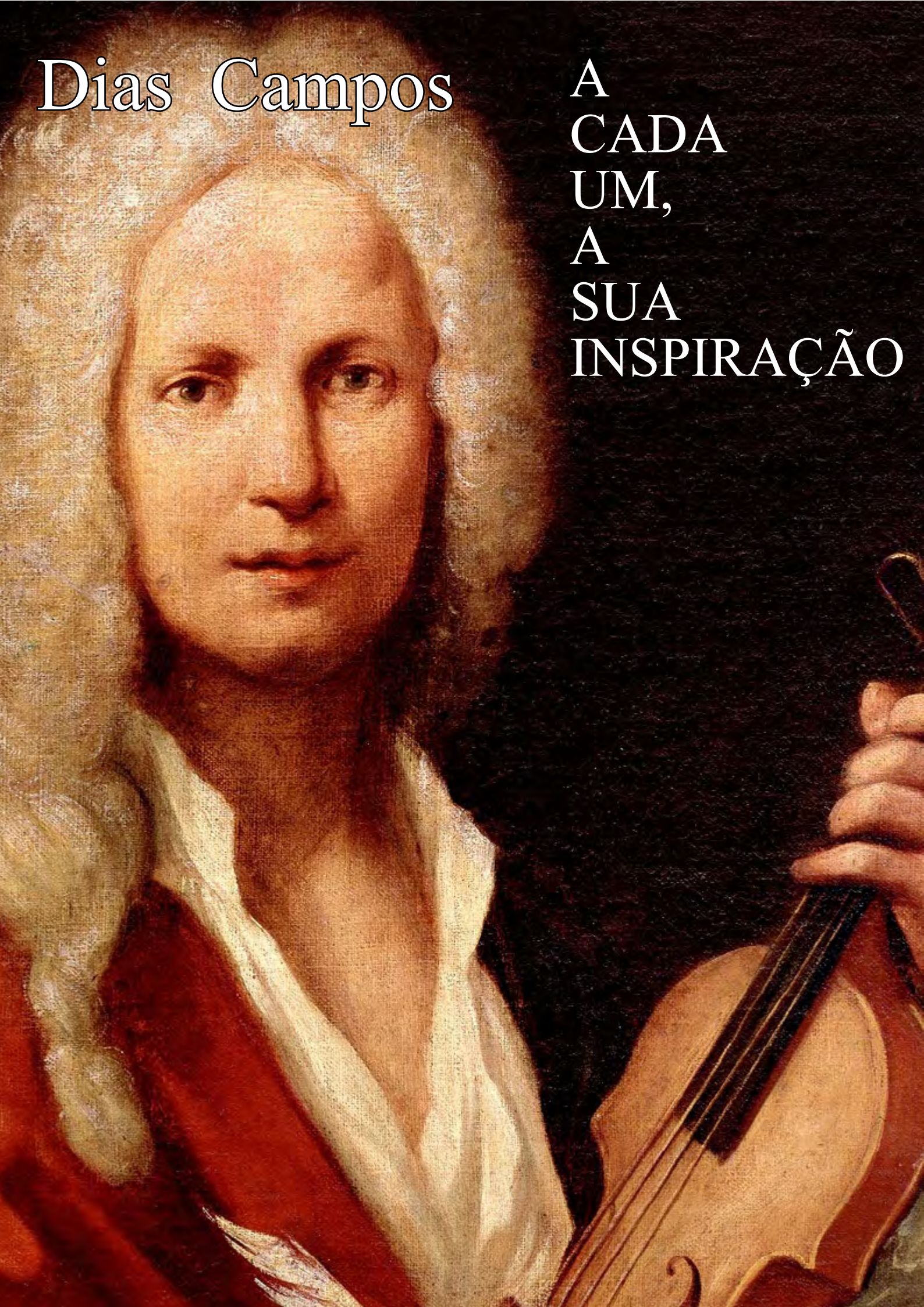
Enquanto
em luto,
nossas almas choram
tristezas...
... lembremo-nos
que foste luz,
sol,
bálsamo, puro amor
em meio
à dor...

Foste
o que poucos
conseguem ser
em uma única
vida:
- Heroína!

Foste, sim,
rosa branca
em meio
ao fogo
e ao horror
insano...

Homenagem à professora Heley de Abreu Silva Batista que salvou crianças de um incêndio criminoso na Creche Gente Inocente, Janaúba, Minas Gerais, no ano de 2017. Heroína em meio ao caos da violência!



A classical oil painting of a man with long, flowing white hair, looking directly at the viewer. He is wearing a white shirt with a deep V-neck and a red garment. He is holding a violin in his left hand, and a quill pen is visible in the bottom left corner. The background is dark and textured.

Dias Campos

A
CADA
UM,
A
SUA
INSPIRAÇÃO

A CADA UM, A SUA INSPIRAÇÃO.

Dias Campos

A História registra que Vivaldi, um dos maiores compositores do Barroco italiano, certa vez, quando dizia missa, de súbito foi tomado por uma inspiração. Ele, então, simplesmente suspendeu a celebração e se foi à partitura, ávido por transcrever no papel a música que o seu coração captara. E por esse ultraje, foi excomungado. Esse fato sempre impressionou padre Augusto, que abraçara com o mesmo ardor a fé que o chamara ao sacerdócio e o violão que herdara do seu abnegado pai. Seria possível, questionava-se, que algum dia Deus o provaria da mesma maneira? e se o fizesse, para qual dos pratos penderia o fiel da sua balança? Essa indagação, o pároco nunca teve coragem de participar a um colega de hábito, a um parente, ou mesmo a um amigo, tamanho o medo de que, se o fizesse, a porta à perdição ficaria entreaberta.

Ocorre que esse questionamento crescia... E o pânico já o envolvia quando da eucaristia.

Para fazer frente a esse tormento, o reverendo desdobrou-se em orações e redobrou o seu compromisso para com a paróquia e os necessitados.

No entanto, não teve forças para abandonar o violão, pois a melodia que espargia sempre lhe pareceu uma prece, maviosa, sincera e fervorosa.

Apesar dessa tortura, padre Augusto seguia adiante, esperançoso de que sua retidão, disciplina e devoção fossem suficientes para preservá-lo do que acreditava ser a sua maior provação.

Essa tentação, contudo, não diminuía, e atingiu o seu clímax quando o sacerdote foi celebrar uma missa na capela recém-reformada de uma abastada carola, em memória do seu falecido marido.

Quando lá chegou, o pároco, que estava muito feliz e honrado, quase desmaiou ao notar um sexteto especialmente contratado para dulcificar a cerimônia.

E apesar da sua máxima dedicação à pregação, bastou que os violonistas dedilhassem os primeiros compassos da Ave Maria de Schubert para que uma sublime sensação comesçasse a seduzir o orador. O enlevo a que se entregava era tão indescritível, que o reverendo por muito pouco não largou o missal e fez da toalha branca sobre o altar a sua partitura.

Concluído o ofício, e o sacerdote sentia-se satisfeito, confiante, um vencedor!

Com efeito, diante daquela prova, ele conseguira conter a inspiração que lhe derramara o céu, relegando o êxtase da composição ao seu devido e apropriado momento.

A vitória, porém, não dispensa a comemoração. E o jeito foi se confiar, menos de alma do que de corpo, a um voluptuoso churrasco, com que padre Augusto terminou o domingo no mais puro contentamento.

E esse regozijo ainda iria aumentar, pois tão logo terminaram os afazeres da segunda-feira e o pároco deparou-se com uma carta que há muito aguardava. O texto era conciso, mas transbordante de entusiasmo – o Clube Recreativo da comunidade respondia à solicitação que lhe fizera o reverendo, sentindo-se imensamente feliz por tê-lo como solista em recital de violão marcado para o sábado seguinte, às 20h.

Não se poderia descrever o júbilo que se apossou de padre Augusto! Mas isso nada tinha a ver com as glórias mundanas, pois seria a sua própria alma que louvaria o Sempiterno por intermédio daquele instrumento angelical. E isso o fez chorar de alegria, e de gratidão.

Como os dias seriam curtos, todo e qualquer tempo vago deveria ser dedicado ao violão. Mesmo assim, e a seu ver, isso não seria suficiente, o que fez com que o sacerdote decidisse por avançar na madrugada.

Ao final, quando as cinco composições que escolhera estivessem sendo executadas com a perfeição dos querubins, todo o esforço que dispendera teria valido a pena, pois sua música tocaria os corações da plateia, alçando-lhes os espíritos, como o dele próprio se elevaria.

E unindo a disciplina teutônica à pontualidade britânica, o pároco se dedicou a treinar a sua música por toda a curta semana.

Na noite gloriosa, o salão de baile onde aconteceria a apresentação estava completamente tomado. Fossem diretores, associados ou seus parentes, todos já estavam sentados e à espera daquele que diziam ser um virtuose.

Padre Augusto estava nervoso. Mas o nervosismo foi acalmado com uma prece proferida à baixa voz.

Ele entrou. E durante o seu trajeto foi efusivamente aplaudido.

Sentou-se em uma cadeira no centro do palco; apoiou o pé esquerdo sobre uma banquetta, e o violão, sobre a respectiva coxa, como deve ser ao violão clássico; e preparou-se para iniciar o espetáculo, fazendo do silêncio a deixa necessária para que os seus acordes se fizessem ouvir.

E naquele átimo que medeia o fim da concentração e o início da execução, outra inspiração descia dos céus...

O reverendo, chorando de emoção, e sem opor nenhuma resistência, pôs o violão de lado, levantou-se, abriu os braços, e, consciente de que o seu verdadeiro testemunho acontecia, convidou a todos a participarem de uma missa que rezaria naquele instante. Poucos abandonaram o salão; até porque, a homilia foi curta, comovedora e cativante.

O recital acabou acontecendo em seguida. E foi primoroso, memorável!

E ao contrário do que aconteceu a Antonio Vivaldi, padre Augusto não seria excomungado. No entanto, e porque decidisse preservar-se de futuros embaraços, por um bom tempo ainda comungaria com o seu violão somente no aconchego do próprio quarto.

Isabel Seno



Mulher
Ser divino
segue o teu destino.
Sonho de teus ancestrais,
somos todos um.
A vida é um labirinto,
somos parte de um sistema familiar,
cada mosaico influencia todos os outros.
Toma o teu lugar,
honra o teu clã.
Toma consciência,
conecta-te com a tua essência.
Num mundo acelerado,
aquieta, permite-te cuidar-te, relaxar,
descansar,
respirar e meditar.

Naquele “car” só se ouve música inglesa!

Apanhei boleia com o meu colega Edgar,
mas nunca mais! Não diz carro, diz “car”.
Naquele “car” só se ouve música inglesa,
logo eu, que só oiço música portuguesa!

Lá por ter estado emigrado em Inglaterra,
eu não estive... Gosto da música da terra:
música tradicional, daquela bem popular,
que tenhamos par ou não nos faz dançar.

Apanhei boleia com o meu colega Edgar,
mas nunca mais! Não diz carro, diz “car”.
Naquele “car” só se ouve música inglesa,
logo eu, que nem inglesa, nem francesa!

Lá por ter estado emigrado em Inglaterra,
eu não estive... Gosto da música da terra:
música tradicional, daquela bem popular,
que o rancho folclórico nos tenta ensinar.

(Ensinar para que possa arranjar um par)

Miguel Guerreiro



NÃO VALE A PENA FUGIR

... Não vale a pena sair do sitio
Para fugir ao amor..
Os pensamentos me incitam
Acalmando a minha dor.

Por isso não vale a pena,
Quando a alma está serena.
Mas continua a amar
Num amor infinito, ondulante como mar..

Que arde dentro do frágil peito,
É como um amor perfeito
Que não me quer deixar..
É um barco em pleno a navegar.

Num apaixonado leito
Onde requer espraiar,
Amor de bom efeito
Ai quando esse dia chegar.

Não dá para sair do lugar,
Pois continua gravado
No ventre do coração entranhado
E é nas asas desse amor, que pretendo voar.

Poema e foto de:
Mónica Mesquita
<https://linktr.ee/monicaraquelmescuita>



O cavaleiro do tempo

Olga Bessa

O cavaleiro do tempo!

Fez tudo quanto quis
Belo,
jovem ,
arauto ,
Astuto e letrado!
Depressa mostrou seus dotes
Na governação e também na diversão!

Ambicioso pelo saber,
Dá voz à língua portuguesa
Trabalhando o português
E criando os estudos gerais!

A poesia de amor e saudade que com ele nasceu...
E por educação de suas aias, e frequência de jograis no reino,
cria diversas composições musicais:
Canções de amor, amigo , escárnio e maldizer!
Daí, o nome do Rei Trovador
Rei ...
Poeta e lavrador!

Depressa percebeu quem era o seu amor!
A rainha Isabel de Aragão,
Á qual em Castelo de Vide
Pedi a sua mão!

Uma bela senhora doce e generosa que distribuía
Alimentos pelos pobres!
E conta a lenda...
Quando seu marido se abeirou
E quis saber o que levava
E...
em rosas os transformou!

Mesmo cometendo adultério,
Aceitou seu marido,
Estendendo sua mão...
Tratou todos os filhos
dela ou não...
como iguais,
com cuidados redobrados e educação!

Criou os Estudos Gerais
Em Lisboa e mais tarde em Coimbra...
Ensinar o português
Para aumentar a literacia e
desenvolver o país e também a economia!

Fez tratados, acordos
e parcerias...
Evitando as guerras
e guerrilhas
com os países vizinhos!
Organizou o território e sua administração!

Mandou plantar o pinhal de Leiria
Protegendo a cidade das areias e usando a madeira para a construção!
E ordenou aos nobres que
se tornassem lavradores, obrigando os a cultivar os terrenos baldios.
Também se dedicou a exploração de metais.
Desenvolveu o comércio e as trocas comerciais melhorando
o nível de vida do país e da sua população!

“A Feira Franca mais Antiga de Portugal”

Criou as chamadas feiras francas .

E é neste contexto e reinado que surge a feira Franca mais Antiga de Portugal em Trancoso , que actualmente ainda existe.

Criada em 8 de Agosto de 1273 por carta de feira.

Concedendo a várias povoações privilégios e isenções,
protegendo e desenvolvendo também as exportações, celebrando tratados, e instituindo
a Marinha Portuguesa.

Os últimos anos do seu reinado foi marcado por conflitos internos e, destaco aqui a postura da Rainha Isabel

se colocou em cima de uma mula, entre as hostes já montadas em Alvalade, pelo seu filho D Afonso quarto e filho bastardo de D Dinis.

Perante tal acto, D Afonso quarto que combatia contra o pai, com receio que seu irmão bastardo fosse beneficiado, pousaram as armas e se ajoelharam em respeito à Sua Rainha e dando assim um início à paz.

Após a morte de seu marido retirou se para o mosteiro das Clarissas em Coimbra depois de ter depositado a sua Coroa num Santuário em Compostela e doado os seus bens pessoais aos mais necessitados.

Criou se então em volta da rainha uma lenda de Santidade e lhe atribuírem diversos milagres.

Daí o ser chamada de

“Rainha Santa”

Rei com sabedoria, inteligente e visão ...

Dedicado ao seu país e população!

D Dinis

Olga Bessa

Clarisse Cristal



Crônica do dia:

Charlotte, e o triângulo vermelho!!!
O trítono para além da escuridão

Crônica do dia: Charlotte, e o triângulo vermelho!!! O trítono para além da escuridão

“Eu navego pelo mar...
Da tranquilidade!
Eu tenho esperanças renovadas!
Pois tenho pensamentos probos.
Eu tenho pensamentos bons,
Eu sou uma pessoa muito feliz...
Mesmo sabendo...
Que tenho um longo...
E tortuoso caminho para percorrer! ”
Samuel da Costa

O som da pá a cavar soa como a Diabolus in música, o trítono, aquele demoníaco intervalo musical de três tons inteiros tão temidos na longínqua Idade Média. Pelo menos para Gertrudes Martin, agora Katharina Dúbios era algo tão comum como acordar pela manhã.

— Será que ele dá conta do recado? — Perguntou com desdém Gertrudes Martin.

— Dá conta sim! Na minha casa é ele que racha a lenha! — Respondeu Katharina Dúbios.

— Na minha casa temos o Felisberto! — Retrucou Gertrudes Martin

— Nossa senhora, que privilégio! — Comentou Katharina Dúbios.

As duas mulheres de meia idade, levantaram as garrafas individuais de gasosas e brindaram. Estava de costas para o mar bravio, estavam sentadas em cadeiras de praia, usavam óculos escuros, estavam vestidas à moda veranistas acidentais em uma praia isolada agreste pouco frequentada e difícil acesso. Olhavam Klaus Von Marx, com as mangas da camisa branca arregaçada, com uma pá cavando uma cova rasa.

— Tu conferiste se Margarida Cohen, está mesmo morta? — Perguntou a paisagista Gertrudes Martin.

— Margarida Cohen? Margarida Correia ora bolas! E é claro que está viva minha querida, a sirigaita metida a bailarina está somente desmaiada — Respondeu Katharina Dúbios, que por anos trabalha como boticária.

— Bom saber! — Disse Gertrudes Martin

E de fato assim que Klaus Von Marx, ou Cláudio Marques jogou o corpo da bailarina na cova rasa, ela se mexeu, para o desespero do médico prussiano. Que se virou em abrupto para as duas mulheres, elas que

respetivamente apontavam e dispararam simultaneamente pistolas Luger P08 nos ombros do médico, que se projetou para trás e caiu em cima da bailarina que murmurava palavras desconexas.

— Agora é a nossa vez de trabalhar um pouco! — Falou Katharina Dúbios um tanto chateada.

— Um pouco de esforço físico faz bem e antes que perguntes, vamos plantar uma linda jabuticabeira hoje.

As duas mulheres se levantaram, calçaram as suas luvas de couro cru, pegaram as pás que estavam ao lado das cadeiras de praia, em simultâneo jogaram as pistolas Luger P08 na cova rasa. E começaram a jogar terra em cima do casal de amantes clandestinos.

— E antes que me pergunte comprei as passagens de trem para a cidade mais longe que pude encontrar e doeí para um casal desconhecido — Falou Katharina Dúbios, enquanto jogava terra na cova rasa.

— Nos nomes de Margarida Correia e Cláudio Marques creio eu! E eu também comprei passagens de navio para o feliz casal Klaus Von Marx e Margarida Cohen, vão embarcar daqui a pouco, também fiz a caridade de doar as passagens para um casal desconhecido e suspeito — Confidenciou Gertrudes Martin para a sua cúmplice.

As ondas quebravam na orla marítima, acomodadas em suas respectivas cadeiras de praias, as idosas Katharina Dúbios e Gertrudes Martin estavam em total silêncio, estavam usando um biquinho de peça única e atrás das duas respeitadas e bem sucedidas senhoras. As duas amigas levantaram os seus respectivos refrigerantes e deram um brinde, um pouco atrás das duas veranistas acidentais, uma frondosa jabuticabeira reinavam absoluta, dando os seus frutos por anos. Frutos que por algum motivo eram ignorados por

qualquer ser vivente, ao longe um galeão espanhol despontou no horizonte, era um teatro pirata bufo para entreter turistas naquela baixa temporada.

Fragmento do livro: Do diário de uma louca, texto de Clarisse Cristal, poetisa, contista, novelista e bibliotecária em Balneário Camboriú, Santa Catarina.

Arte digital de Clarisse Costa, é designer gráfico, poetisa novelista, contista e cronista em Biguaçu, Santa Catarina.



D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Pensamento Livre

PRÓXIMA EDIÇÃO

#37

dartelondrina@gmail.com
insta @dartelondrina

